

**UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU – FURB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, ARTES E LETRAS - CCEAL**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**DANILO SIMONI**

**REPRESENTAÇÕES DA (DES)ORDEM ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE  
O COTIDIANO DE PROFESSOR NO FILME *ENTRE OS MUROS DA ESCOLA***

**BLUMENAU**

**2020**

**DANILO SIMONI**

**REPRESENTAÇÕES DA (DES)ORDEM ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE  
O COTIDIANO DE PROFESSOR NO FILME *ENTRE OS MUROS DA ESCOLA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

Orientador: Prof. Dr. Tiago Ribeiro Santos

**BLUMENAU**

**2020**

Ficha catalográfica elaborada por Everaldo Nunes – CRB 14/1199  
Biblioteca Universitária da FURB

---

S599r

Simoni, Danilo, 1992-

Representações da (des)ordem escolar: uma investigação sobre o cotidiano de professor no filme Entre os muros da escola / Danilo Simoni. - Blumenau, 2020.  
87 f. : il.

Orientador: Tiago Ribeiro Santos.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

Bibliografia: p. 85-87.

1. Educação. 2. Escolas. 3. Professores. 4. Ambiente de sala de aula. 5. Cinema na educação. I. Santos, Tiago Ribeiro, 1987-. II. Universidade Regional de Blumenau. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

---

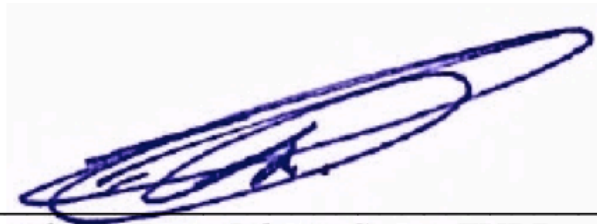
CDD 370

**DANILO SIMONI**

**REPRESENTAÇÕES DA (DES)ORDEM ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE  
O COTIDIANO DE PROFESSOR NO FILME *ENTRE OS MUROS DA ESCOLA***

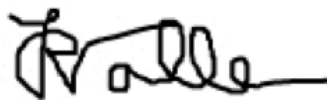
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

Orientador: Prof. Dr. Tiago Ribeiro Santos



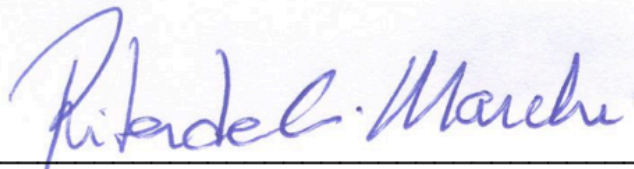
---

*Prof. Dr. Tiago Ribeiro Santos/FURB*  
*Orientador*



---

*Prof. Dra. Ione Ribeiro Valle/UFSC*  
*Examinadora*



---

*Prof. Dra. Rita de Cássia Marchi/FURB*  
*Examinadora*

Blumenau 08 de Julho de 2020

Dedico aos meus pais, Genuir e Odetti, por  
sempre me incentivarem a estudar e por tudo o  
que me ensinaram.

## AGRADECIMENTOS

Após dois anos intensos, vividos sob fortes emoções, da angústia à euforia, da alegria à tristeza, da frustração à esperança, do medo à coragem, o que resta é demasiada gratidão por encerrar esta etapa. É com grande satisfação que venho agradecer a todos que contribuíram para a concretização desse objetivo.

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, por me dar saúde, coragem, disposição e sabedoria. Por me fazer sonhar e arriscar nos momentos onde o mundo impedia. Nada é impossível aos olhos de Deus.

Agradeço aos meus Pais, Genuir e Odette, pelos ensinamentos e incentivo aos estudos, por me mostrarem força, coragem e humildade. A minha avó Maria, pelas preces e orações, pelos encontros e diálogos nos finais de semana. Sem vocês nada seria possível.

Agradeço ao professor Tiago, pela sugestão do tema e pela orientação conduzida neste trabalho. Pela abertura de novas ideias, pelo rigor acadêmico, pelas leituras atentas, discussões proveitosas, críticas e elogios. Obrigado Tiago por acreditar em mim nessa empreitada! Sem seus ensinamentos não teria chegado até aqui.

Agradeço aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da FURB, Adolfo Ramos Lamar, Andrea Soares Wuo, Carla Carvalho, Celso Kraemer, Daniela Tomio, Stela Maria Meneghel, por todo apoio durante estes dois anos de mestrado. Agradeço singularmente as professoras Marcia Regina Selpa Heinzle e Rita de Cássia Marchi pelas somas à dissertação na banca de qualificação e defesa. Meus agradecimentos também a Arlei e Maurício, secretários do PPGE, por toda atenção dedicada durante esta jornada.

Agradeço especialmente a professora Ione Ribeiro Valle em aceitar compor minha banca de defesa, obrigado pelas contribuições, todas de grande valia. Seu trabalho é uma inspiração para mim. Me sinto muito honrado por ter seu olhar, presença em minha pesquisa, defesa.

Agradeço ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional (GEPALE/UNICAMP) por todos os conhecimentos adquiridos durante o desenvolvimento dos estudos. Agradeço em especial a professora Debora Cristina Jeffrey, suas orientações e ensinamentos ao decorrer das pesquisas.

Aos meus chefes diretos de trabalho Jânio, Márcio e Sandro, por sempre me apoiarem, dando-me forças para seguir em frente nas cansáveis noites de trabalho passadas em claro.

Aos meus colegas de turma, Amarildo, Bruna, Gizele, Luciane, Mery Carolina, Taiani. Foi muito bom compartilhar estes momentos com vocês. Suas ajudas e companhias foram muito importantes para mim nesta empreitada.

Faço um agradecimento especial ao bicho chato, purgante, pragueta, que sempre esteve ao meu lado, nos momentos de risos e tristeza. Alexandre, sua amizade, companheirismo e parceria foram fundamentais nesse período e não consigo imaginar como teria sido sem seu apoio. Admiro-te, como profissional e como pessoa. És realmente um amorzinho.

Por fim, agradeço ao Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina, e também ao PROESDE Licenciaturas pela bolsa de estudos concedida, e à Universidade Regional de Blumenau, por oferecer sua estrutura e proporcionar a realização desse objetivo.

Aos demais colegas e amigos que não foram aqui nominados e a todos que de alguma forma contribuíram para a concretização deste objetivo, meus sinceros agradecimentos.

Muito Obrigado!

*Quando indivíduos estão na  
presença imediata um do outro,  
uma multidão de palavras,  
gestos, atos e eventos menores  
se torna disponível, desejada ou  
não, através da qual alguém  
que está presente pode,  
intencionalmente ou não,  
simbolizar seu caráter e suas  
atitudes.*

*Erving Goffman (2011, p. 113)*



VENCEDOR DA PALMA DE OURO  
FESTIVAL DE CANNES

INDICADO AO OSCAR®  
POR MELHOR FILME ESTRANGEIRO

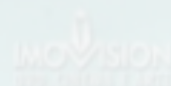
### SINOPSE DO FILME ANALISADO

Marin e seus colegas professores preparam o novo ano letivo em uma difícil escola da periferia parisiense. Munidos das melhores intenções, eles se apoiam mutuamente para manter vivo o estímulo de dar a melhor educação a seus alunos. A sala de aula, um microcosmo da França contemporânea, testemunha os choques entre as diferentes culturas. E por mais inspiradores e divertidos que sejam os adolescentes, seu difícil comportamento pode acabar com entusiasmo dos professores.

# ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

um filme de Laurent Cantet

Fonte: DVD Entre os Muros da Escola (2008) – Versão do Colecionador



## RESUMO

Esta dissertação está vinculada ao grupo de pesquisa Políticas de Educação na Contemporaneidade, inserida na linha de pesquisa Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Regional de Blumenau (FURB). A pesquisa aborda o filme *Entre os Muros da Escola*, que retrata principalmente professores e estudantes em meio a diversas rotinas do cotidiano escolar. A presente dissertação traz como pergunta de pesquisa: Quais papéis de professor são representados no filme Entre os Muros da Escola, e como estes papéis influenciam na (des)ordem escolar? Para tanto, tem-se como objetivo geral compreender o papel de professor no cotidiano escolar por meio de diversas representações. Os objetivos específicos são: (I) reconhecer a viabilidade da metáfora do teatro como instrumento de aproximação da realidade escolar; (II) problematizar situações escolares que envolvem (des)ordens escolares; (III) compreender como estas (des)ordens atuam tanto na sala de aula quanto na sala de professores. A estratégia teórica-metodológica baseou-se em uma análise do filme em questão, organizando diversas partes em “quadros primários” que permitissem observar situações sociais e consequências envolvendo (des)ordens escolares. Na escola pesquisada (do filme), existem conflitos na sala de aula e na sala dos professores onde convivem docentes e alunos. Com relação aos estudantes, pôde-se perceber focos de interação dos mais diversos tipos, mas raramente voltados à prática do estudo. O cotidiano dos professores, por sua vez, é marcado por stress, acompanhado da falta de deferência do alunado sobre o porte dos professores. Estes dramas parecem refletir uma escola que sofre ao processo de desinstitucionalização que desmantela as normas tradicionais de socialização. Esta realidade conduz os professores a assumirem papéis complexos que procuram a) exigir uma disciplina que resiste em existir na escola; b) reparar mal-entendidos; e c) prestar solidariedade aos colegas de trabalho em conflito com os alunos.

**Palavras-chave:** Escola. Papel de professor. Sala de aula. Sala dos professores. Desinstitucionalização.

## RÉSUMÉ

Cette mémoire est rattachée au groupe de recherche Políticas de Educação na Contemporaneidade, inséré dans la ligne de recherche Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau. Elle se rapporte au film Entre os Muros da Escola, qui représente surtout des enseignants et des élèves dans diverses routines scolaires. On pose ici la question: Quels rôles d'enseignants sont représentés dans le film Entre os Muros da Escola, et comment ces rôles influencent-ils sur l'ordre scolaire? L'objectif général est de comprendre le rôle des enseignants dans la vie quotidienne de l'école par le biais de diverses représentations. Les objectifs spécifiques sont: (I) reconnaître la viabilité de la métaphore théâtrale comme instrument d'approche de la réalité scolaire; (II) problématiser les situations scolaires qui impliquent des (des) ordres scolaires. Notre stratégie théorico-méthodologique a le but d'organiser différentes parties du film en «cadres primaires» qui permettent d'observer des situations sociales et des conséquences impliquant des ordres (dés)scolaires. Dans l'école étudiée (d'après le film), il y a des conflits dans la classe et dans la salle des enseignants où les enseignants et les élèves vivent ensemble. En ce qui concerne les étudiants, il était possible de remarquer des types d'interaction les plus divers, mais rarement axés sur la pratique de l'étude. La vie quotidienne des enseignants est marquée par le stress, accompagné du manque de déférence des élèves sur la présentation des enseignants. Ces drames semblent refléter une école qui souffre du processus de désinstitutionnalisation qui fragilise les normes traditionnelles de socialisation. Cette réalité conduit les enseignants à assumer des rôles complexes qui cherchent à a) exiger une discipline qui résiste à exister à l'école; b) réparer les malentendus; et c) faire preuve de solidarité envers les collègues en conflit avec les étudiants.

**Mots-clés:** École. Rôle de l'enseignant. Salle de cours. Salle des professeurs. Désinstitutionnalisation.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Estudantes ociosos.....	47
Imagem 2 - Prof. Marin em diferentes tempos, espaços e papéis.....	48
Imagem 3 - Cenas do Filme Contendo Panelinhas .....	50
Imagem 4 - Momento de conflito entre Souleymane e Esmeralda .....	53
Imagem 5 - Representantes da plateia de alunos presentes no bastidor docente (conselho de classe).....	55
Imagem 6 - Marin e suas aparências.....	57
Imagem 7 - Marin Chutando a Cadeira.....	59
Imagem 8 - Professores discutindo a reputação dos estudantes .....	64
Imagem 9 - Momento em que Prof. Vincent desabafa na sala dos professores.....	66
Imagem 10 - Comportamentos de Esmeralda e Louise durante o conselho de classe.....	67
Imagem 11 - Estudantes atendendo ordens.....	71
Imagem 12 - Yvette distribui biscoito na sala dos professores; seguido da reunião .....	73
Imagem 13 - Coordenadora pedagógica propondo ‘vaquinha’ e Profa. Yvette comemorando gravidez com seus colegas .....	74
Imagem 14 - Coordenadora pedagógica alerta Marin que as estudantes insultadas o denunciaram.....	77
Imagem 15 - Souleymane falta com respeito a Marin, machuca Khoumba e sai da sala sem permissão .....	79
Imagem 16 - Diretor pede ao Prof. Marin incluir a ocorrência do insulto no relatório .....	80
Imagem 17 - Conselho disciplinar de Souleymane.....	81

## **LISTA DE QUADROS E GRAFICOS**

Quadro 1 - Espectador Normal X Analista .....	36
Quadro 2 - Legenda da Linha do Tempo .....	40
Gráfico 1 - Tempo decorrente nos cenários do filme Entre os muros da escola .....	41

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGP	- Apresentação da Gravadora e Patrocínios
BDTD	- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CA	- Cantina
CE	- Chegada na Escola
CO	- Corredor
CR	- Créditos
F	- Fim
FURB	- Universidade Regional de Blumenau
GEPALE	- Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional
I	- Início
PA	- Pátio
PPGE	- Programa de Pós Graduação em Educação
Pró-Família	- Fundação do Bem Estar da Família Blumenauense
R	- Rua
SA	- Sala de Aula
SCIELO	- <i>Scientific Electronic Library Online</i>
SD	- Sala do Diretor
SI	- Sala de Informática
SP	- Sala dos Professores
SR	- Sala de Reuniões
TF	- Título do Filme
ZEPS	- Zonas de Educação Preferencial

## SUMÁRIO

<b>1 EDUCAÇÃO E DESINSTITUCIONALIZAÇÃO: (DES)ORDEM E CONFLITOS NAS ENCENAÇÕES.....</b>	<b>15</b>
1.1 OLHANDO PARA A EDUCAÇÃO: PREMISSAS DURKHEIMIANAS E A CRISE DAS INSTITUIÇÕES .....	18
1.2 RESPEITO À ORDEM: ATOS DE DEFERÊNCIA E PORTE.....	23
1.3 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO .....	26
1.4 O ESTADO DA QUESTÃO .....	28
<b>2 METODOLOGIA: UM ENFOQUE DRAMATÚRGICO SOBRE A RELAÇÃO PROFESSORES-ALUNOS.....</b>	<b>33</b>
2.1 O FILME COMO OBJETO DE ANÁLISE .....	33
2.2 A METÁFORA TEATRAL COMO INSTRUMENTO DE APROXIMAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR .....	38
<b>3 A SALA DE AULA COMO PALCO DE TEATRO.....</b>	<b>42</b>
3.1 A FACHADA DE PROFESSOR .....	42
3.2 O ALUNADO COMO EQUIPE?.....	49
3.3 MANTENDO O CONTROLE EXPRESSIVO NA SALA DE AULA.....	56
<b>4 A SALA DOS PROFESSORES COMO BASTIDOR.....</b>	<b>62</b>
4.1 A COMUNICAÇÃO INAPROPRIADA SOBRE OS ALUNOS .....	63
4.2 O TRATAMENTO DADO AOS ALUNOS AUSENTES.....	68
4.3 CONVERSAS SOBRE A ENCENAÇÃO DOCENTE.....	75
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>

## 1 EDUCAÇÃO E DESINSTITUCIONALIZAÇÃO: (DES)ORDEM E CONFLITOS NAS ENCENAÇÕES

O ponto mais complexo e difícil de ser trabalhado na análise de um filme francês reside em compreender que a educação, mesmo em países considerados avançados, também tem seus problemas cotidianos. Esta pesquisa tem como tema as *representações da (des)ordem escolar* e fundamenta-se principalmente na obra do sociólogo Erving Goffman. Trata-se do teatro escolar, encenação, interação e fachada. Estes termos condizem especificadamente ao diálogo entre duas equipes: a dos atores e a da plateia (GOFFMAN, 2014). Busca-se, a partir do filme *Entre os Muros da Escola*, a compreensão da (des)ordem escolar por meio da representação do professor no dia a dia escolar. Representação expressa “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 2014, p. 34).

Dentro do universo teórico que engloba este estudo, uma representação é também compreendida como a “crença nos papéis que o indivíduo está representando” cotidianamente. (GOFFMAN, 2014, p. 29). Toda representação é composta por fachada pessoal e social (verdadeira ou falsa), compondo o eu do indivíduo. As representações, por meio do comportamento, impactam diretamente no controle expressivo das relações interpessoais. Na esteira de Goffman (2014), utilizar-se-á metáforas teatrais para compreender as interações sociais a partir das representações que os indivíduos colocam em prática. “O aqui como lugar e o agora como um tempo, em Goffman, estão fortemente vinculados, prevendo um campo autônomo de análise chamado ordem da interação” (SANTOS; VALLE, 2020, p. 08). Para o pesquisador, a imagem do teatro, como uma metáfora, é assim um instrumento de aproximação da ordem das interações escolares.

Ao assumir o pressuposto de que o filme *Entre os Muros da Escola*, objeto dessa pesquisa, fornece elementos capazes de descortinar o cotidiano escolar, lança-se luz sobre a (des)ordem escolar identificada no filme. Stam (2003) afirma que o cinema tem sua importância ao longo da história porque construiu novos paradigmas e modificou o campo da percepção humana por meio do enriquecimento das imagens. O cinema influencia fortemente a realidade das pessoas em todo contexto social como um meio de comunicação em massa, ampliando a consciência crítica da realidade, quebrando a barreira de tempo/espço. Na atualidade, o cinema pode influenciar as práticas da escola moderna por meio de filmes educacionais.

Conforme Duarte (2009), o significado de um determinado filme assistido e analisado, como é no caso desta pesquisa, dá-se de forma lenta. Quando se assiste pela primeira vez, parece

haver certo entendimento. Ao assistir pela segunda vez, novos significados surgem. A cada reflexão realizada sobre o filme (seja reassistindo-o ou conversando com outros espectadores, comparando com outros filmes e situações, aproximando do campo teórico de leituras, observando discursos e atitudes produzidos acerca) são capazes de ressignificá-lo, permitindo que novas interpretações sejam feitas.

Entre os Muros da Escola é a prova empírica onde o problema da (des)ordem e da desinstitucionalização se exprimem por meio da crise das instituições<sup>1</sup> escolares. Dubet (1998, p. 27) define “desinstitucionalização como a mudança fundamental do modo de produção dos indivíduos nas sociedades contemporâneas”, em outras palavras, como os indivíduos são produzidos nas escolas. A desinstitucionalização faz a escola perder sua auréola de fazer pressupor que uma boa escola é aquela silenciosa. A desordem é considerada um entre outros efeitos da desinstitucionalização.

A dificuldade de estabelecer relação entre o mundo pessoal e escolar, adolescência e o ensino médio, é a principal dificuldade encontrada por jovens franceses da periferia. Sibilia (2012, p. 203) descreve essa realidade na rede fundamental e média brasileira:

Não parece haver maneiras de se estabelecer diálogos entre essas inquietas subjetividades tão contemporâneas, com seus próprios sonhos e ambições, seus estilos de vida e suas realidades cotidianas, de um lado, e, de outro, a parafernália escolar, com seus ranços ritos disciplinares e sua inútil insistência nas diferenças hierárquicas, seu respeito surrado pela tradição letrada e sua aposta no valor do esforço a longo prazo.

Infelizmente, nem todos os alunos veem sentido nos estudos, principalmente os estudantes de liceus profissionais como apresentado no filme Entre os Muros da Escola, já que a escola elementar republicana francesa ‘fabricava’ no “liceu profissional operários e no liceu clássico, os homens de cultura” (DUBET, 1998, p. 27). Estudantes de liceus profissionais sabem que em sua maioria sairão da escola diretamente para o mercado de trabalho sem poder aperfeiçoar-se em cursos superiores de qualidade. Trata-se da dificuldade dos estudantes em “construírem por si mesmos o sentido de sua experiência. Como dizem os alunos, a grande dificuldade é se motivar, conseguir dar sentidos ao estudo” (DUBET, 1998, p. 30).

“A escola não pode mais ser tomada como uma instituição, na medida em que, cada vez mais tem dificuldade em administrar as relações entre o interior e o exterior, entre o mundo escolar e o mundo juvenil.” (DUBET, 1998, p. 28). Contudo, “há uma forte relação entre o desempenho escolar e a origem social dos alunos (classe, etnia, sexo, local de moradia, etc.), a

---

<sup>1</sup> A crise das instituições ocorre na medida em que a massificação cria escolas para todos, com ensinamentos/diplomas poucos valorizados (seja pela sociedade ou pelo estudante), tornando a disciplina e a ordem fraca, abrindo espaço para a desordem.

estrutura e organização do sistema e ensino e seus agentes” (JEFFREY; GASPARELO; SCHNECKENBERG, 2018, p. 249). Muitos alunos contemporâneos provêm de deslocamentos que a globalização do século XXI possibilitou entre países. O multiculturalismo está presente na França e também no Brasil. Nesse sentido, a escola na modernidade está mais propensa a lidar com diferentes públicos de alunos (etnias, idades, regionalidades, crenças), constituindo um espaço de distintas culturas.

Em *Entre os Muros da Escola* está presente essa diversidade, assim como a (des)ordem, produto da escola contemporânea, composta da difícil administração dos alunos, que podem colocar em conflito seu mundo pessoal e o papel social de estudante que deveria ser assumido, não gerindo-os equilibradamente. Provavelmente, quando o aluno cria desordem, ele grita por socorro, sendo incapaz de explicitá-lo verbalmente, pedindo atenção para se adequar às regras e ao ambiente escolar culturalmente distinto de sua origem. “A desordem escolar pode nutrir uma tentativa de reestabelecimento da ordem particular, interior” (ROCHA; SANTOS; VALLE; 2016, p. 185), do estudante, na medida em que bagunçar chama a atenção e possibilita ser visto pelos docentes, dando a falsa impressão que não é apenas mais um aluno, um número sentado na cadeira, assistindo aulas.

A realidade diária do docente/discente da elite parisiense, localizado no centro de Paris, é diferente do educador localizado na periferia, nas *Zonas de Educação Preferencial* (ZEPs), voltadas à educação prioritária. O filme *O Melhor Professor da Minha Vida* aborda o drama de um docente da elite parisiense que vai lecionar em um liceu de periferia. O filme apresenta a diferença de liceus do centro de Paris em relação aos de zonas ZEPs. O grande problema não consiste em professores despreparados nas zonas ZEPs, mas na diversidade e interesses dispersos do alunado de periferia, “os alunos de liceus profissionais vivem uma forte dissociação de seus gestos e de seus interesses” (DUBET, 1998, p. 30). Ao contrário, “os alunos mais favorecidos [elitizados], se socializam e subjetivam a escola. Eles se percebem como autores de seus estudos, suas paixões e seus interesses convergem, têm sentimentos de se construir e se realizar nos estudos” (DUBET, 1998, p. 30). De um ponto de vista crítico, ZEPs supõem que os alunos de determinado bairro estudem na escola pertencente à sua região de moradia, fazendo-os permanecer onde estão, evitando assim o centro de grandes cidades que dispõe de ensino reputado e com melhores recursos.

O filme *Entre os Muros da Escola* tem como cenário o *Collège Françoise Dolto*, as quais “[...] reúnem escolas que recebem população de baixa renda para a qual são dirigidos procedimentos especiais, voltados para o desenvolvimento social dos bairros” (CHARLOT, 1996, p. 51). Nesse sentido, ZEPs são estratégias políticas de dar educação aos mais

necessitados, por meio da expansão da escola às classes sociais mais desfavorecidas. Ao mesmo tempo, podem tornar a ligação racial, cultural e social mais evidente.

Com relação à instabilidade do alunado durante a adolescência, Dubet (2010) permite compreender que, na desinstitucionalização, manter a ordem é um serviço muito difícil para a equipe pedagógica. E quando estabelecida ela é muito precária. Basta atravessar as paredes de uma sala de aula para perceber outros tipos de relação (que não seja estudar) acontecendo dentro desse mesmo espaço. Goffman (2011) “dialoga” com Dubet na medida em que a ordem é sempre precária ao ponto de necessitar a todo instante gestos, posturas e falas corretivas para trazer a ordem de volta à realidade. Tais clássicos atravessam décadas. Durkheim (2014) sublinha que sem a existência de ritos relativamente organizados a ordem não pode ser instituída. O desafio do professor é de criar micro ritos ao longo do cotidiano escolar em vista de fazer face às possíveis desordens.

Isto posto, o pesquisador quer compreender a (des)ordem na sala de aula do filme *Entre os Muros da Escola*, onde, pelo maior esforço que o professor faça no cotidiano escolar com suas diversas representações, sempre encontra um ambiente tenso, junto à uma diversidade cultural e racial, em que o cotidiano escolar se constitui em duelos verbais, em contestações de tudo a todo momento pelos estudantes, gerando muitas interrupções que impossibilitam o professor de lecionar.

## 1.1 OLHANDO PARA A EDUCAÇÃO: PREMISSAS DURKHEIMIANAS E A CRISE DAS INSTITUIÇÕES

Mesmo na contemporaneidade, a sala de aula tradicional, observada ainda hoje, pressupõe a educação descrita por Durkheim (2014, p. 53),

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular.

Valle (2018, p. 98) esclarece que é na função social da educação escolar que Durkheim destaca a moral, porque “a questão da moral é um dos pilares do edifício teórico deste pensador, situando-se na base das reflexões voltadas à socialização das novas gerações e à promoção do espírito de disciplina e de autonomia”. Parte-se das premissas Durkheimianas para questionar o cotidiano escolar tradicional perturbado pela crise das instituições escolares. Dubet (2010), assim como Durkheim, preocupa-se com a escola na medida em que a problematiza. Ele

converge com os pensamentos durkheimianos quando utiliza as obras clássicas de Durkheim como referências em suas atuais pesquisas, renovando problematizações para o século XXI. Durkheim (2014, p. 48), lembra que “todo passado da humanidade contribui para elaborar o conjunto de máximas que dirige a educação de hoje; nela está gravada toda a história e mesmo a história dos povos que nos precederam”. Por assim dizer, a educação sempre dependeu da sociedade, das ciências, da política, religião e indústria. Jeffrey, Gasparelo e Schneckenberg (2018, p. 240) explicam que ao “investigar as políticas da educação precisamos compreendê-las para além de uma espera determinada basicamente pela economia”, pois, “as políticas públicas são construções sociais e históricas cujos determinantes são necessariamente complexos e múltiplos” (GOMES, 2011, p. 19).

Esta é a obra da educação. Dubet (2010) inicia sua pesquisa olhando cinco séculos para trás. Considera sistemas (não) educativos que já existiram e também os (não) existentes na contemporaneidade para compreender o declínio da instituição escolar. Por meio de uma visão global, descreve a escola daquela época como pertencente principalmente à burguesia, voltada à formação de indivíduos responsáveis em guiar a nação, não havendo vagas e oportunidades para as classes mais desfavorecidas.

No final do século XVIII, os êxodos rurais ocasionam aglomerações de multidões nos grandes centros, fazendo-os crescer exponencialmente. Necessitava-se de um sistema que ocupasse o tempo dos indivíduos, em especial das crianças, treinando-as a respeitarem regras, obedecendo seus superiores, seguindo rigorosas ordens para assim deixarem de ser desocupadas. “É dócil o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado [...], que torna o corpo tanto mais obediente quanto é mais útil” (FOUCAULT, 2014, p. 134-135). Nesse sentido, a massificação abriu as portas das escolas para todos, incluindo as classes inferiores, no intuito de suprir a demanda de mão de obra nas indústrias e também de ocupar os corpos. “Os indivíduos, uma vez que disciplinados, seriam então mais produtivos, mais valiosos, mais economicamente importantes à medida [...] em que construía em si uma subjetividade fortemente ancorada em princípios como a ordem e a vigilância” (ROCHA; SANTOS; VALLE, 2016, p. 172). Quem descumprisse alguma ordem do professor durante a aula, ou tentasse causar indisciplina, era severamente castigado, verbal e fisicamente. “A disciplina às vezes exige muros, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo [...], nas escolas houve grande encarceramento dos vagabundos e miseráveis” (FOUCAULT, 2014, p. 139). No Entre Os muros da Escola, percebe-se que “os valores imbricados à disciplina tão logo caíram como uma luva sobre a

escola moderna: a escola como instituição examinadora, avaliadora, castigadora” (ROCHA; SANTOS; VALLE, 2016, p. 172).

Esse modelo de escola fabrica um ambiente que enclausura os alunos dentro de um curto espaço físico (sala de aula) por longos períodos. O filme francês “alude às práticas escolares a partir do próprio título, como algo que ocorre encerrado ‘entre os muros’”<sup>2</sup> (SIBILIA, 2012, p. 203). Séculos atrás, muitos estudantes sentiam-se dentro de uma prisão. “O que engaja a prisão é a institucionalização do poder de punir, que será melhor realizada se escondendo sob uma função social geral [da educação]” (FOUCAULT, 2014, p. 129). O ato de punir por meio do controle minucioso do corpo, numa “relação que impõe docilidade-utilidade, é chamado de disciplina [...], são formas gerais de dominação [...], logo, a disciplina cria corpos submissos e excitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 2014, p. 135).

Dubet (2010) descreve a extinção da disciplina rígida conhecida séculos atrás por meio da desinstitucionalização que abriu espaços a diálogos democráticos, construtivos e de exponencial crescimento científico entre docente e discente. Na desinstitucionalização, a ordem tornou-se muito precária; a autoridade não veste mais uma auréola. Sem incorporação da disciplina e da regra não se tem educação à moda antiga. Os problemas ocorrem quando alguns estudantes, ou até mesmo uma turma inteira, não têm interesses em usufruir do ensino igualmente. O desinteresse aumenta o tempo ocioso, conseqüentemente a desordem.

“O poder disciplinar [...] tem como função maior adestrar [...]. A disciplina fabrica indivíduos [...] e o sucesso do poder disciplinar se deve ao uso de instrumentos como a hierarquia [entre professores e estudantes]” (FOUCAULT, 2014, p. 167). Por conseguinte, a disciplina instauradora da ordem organizacional passou a ser vista em “escolas técnicas, colégios e liceus muito cedo; mais tarde nas escolas primárias” (FOUCAULT, 2014, p. 136), estendendo-se ao exército e hospitais. Foucault (2014, p. 144) descreve esta ordem como parte crucial para estabelecer disciplina.

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e a cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente.

O enfileiramento também reflete individualização. Goffman (2014) identifica que os indivíduos interagem na sociedade por meio de suas representações sociais, mas são as atitudes

---

<sup>2</sup> Na contemporaneidade o “confinamento é uma característica essencial do regime que estamos abandonando porque seus dispositivos já não funcionam e toda sua aparelhagem deixou de ser útil” (SIBILIA, 2012, p. 204).

individuais que definem seu *eu*. Durkheim (2014, p. 59) pode servir aqui de complemento, ao afirmar que a sociedade nos faz sair de nós mesmos, nos obriga a considerar interesses diferentes dos nossos, que nos ensina a dominar os nossos ímpetos e instintos, a sujeitá-los a leis, a nos reprimir, privar, sacrificar, subordinar os nossos fins pessoais a fins mais elevados”. Segundo Tomazi (1993, p. 18), Durkheim afirma que a sociedade é “um conjunto de normas de ação, pensamentos e sentimentos que não existem apenas nas consciências dos indivíduos, mas que são construídas exteriormente, isto é, fora das consciências individuais” por toda a sociedade, registrada e transmitida por gerações.

Aos olhos de Durkheim, a escola tem um papel fundamental como instituição para reintegrar e reorganizar a sociedade pós Revolução Industrial. Isto pois, a educação sempre esteve junto à teoria da sociedade idealizada por Durkheim. “A educação é algo eminentemente social” (DURKHEIM, 2014, p. 10). É a via social que transmite informações distinguindo o homem dos outros animais. Seus pensamentos descrevem a transmissão de saberes das gerações mais antigas para as mais novas, dando continuidade à sociedade já existente. Esta continuidade que é colocada a prova frente aos fenômenos da desinstitucionalização. Sibilia (2012, p. 203) afirma que Entre os Muros da Escola “oscila entre algumas alfinetadas de sarcasmo inclemente e certo tom nostálgico em face da evaporação de um obscuro **sonho de ordem**, a tela exhibe algo que já se sabe: a incompatibilidade desses corpos infantis e adolescentes de hoje com as antiquadas normas colegiais”.

O filme aborda essa problemática com diferentes estudantes reunidos no mesmo local (sala de aula) durante horas. Por mais que o docente, no filme, tente lapidar o ser jovem, supostamente imaturo e associal, para torná-lo um indivíduo moral, social, capaz de viver em sociedade, suas performances (na forma de encenações e fachadas que serão analisadas mais à frente) não são suficientes.

A regionalização faz com que “cada sociedade alimente um ideal humano. Este ideal que é o polo da educação. É o meio pelo qual ela prepara no coração das crianças as condições essenciais de sua própria existência” (DURKHEIM, 2014, p. 10). Vinte alunos que talvez pouco se conheçam, cada qual com seu ideal humano de acordo a cultura de origem, presentes agora na França, obviamente com um docente francês na sala, dão o que falar na forma de (in)disciplina e desordem no filme. Nesse contexto, é preciso criar estratégias para envolver esses jovens no meio educacional, dando-lhes a oportunidade de serem aceitos em uma sociedade que não é originalmente a sua.

Do ponto de vista sociológico, as diferentes culturas observadas na sala de aula do filme estão sujeitas a obedecer determinada ordem institucional. Esta ordem é, todavia, como já dito,

precária e demanda esforço pessoal do professor e formas imprevisíveis de lidar com problemas na sala de aula. A desinstitucionalização aponta, de certa forma, para o fato de que o docente está só. Se antes existia uma rede de valores, o corpo coeso em nome do que é ser um bom professor, agora estas características não podem ser dadas como evidentes. Esse corpo pode ser reconstituído por força de encontros na sala dos professores que dão indicações básicas de como agir na sala de aula. Se uma grande narrativa, uma grande ordem desapareceu, não quer dizer que os indivíduos não possam tentar, dentro dos seus micros espaços, encontrar outras maneiras de lidar com os problemas que ali estão.

Nesse sentido, a partir do *Entre os Muros da Escola*, pode-se colocar em questão a visão de Durkheim, considerando os comportamentos microssociológicos vivenciados pelos atores na sala de aula. Um ambiente com desordem cujos indivíduos não prestam deferência ao próximo durante a interação face a face (GOFFMAN, 2014).

Na década de 1970 pesquisas começaram a voltar-se para o microssocial. Dá-se mais atenção ao indivíduo e suas ações micro situadas. Iniciou nessa década mudanças significativas na educação, onde, em certa medida “a escola deixou de ser um aparelho ideológico do Estado [...] que funciona inexoravelmente naquele sentido, funcional, adequada, independentemente dos atores daquele sujeito” (BOURDIEU; CATANI; NOGUEIRA, 2007, p. 33), e inaugurou-se nessa década pensamentos que contrapunham essa visão existente, sendo “a partir de agora, um pensamento que tende a ver um mundo social não mais em termos de dominação, inculcação, legitimação, mas começa a entender o mundo social, e as relações, em termos de resultados de conflitos, de debates, de projetos, entre os diferentes grupos sociais” (BOURDIEU; CATANI; NOGUEIRA, 2007, p. 33).

O professor é o agente revelador da disciplina, da regra. “É necessário que a criança mesma perceba que há algo na própria regra que faz com que seja docilmente deferida; em outros termos, é fundamental que a criança sinta a autoridade moral que está presente na disciplina escolar, que torna esta respeitável” (DURKHEIM, 2012, p. 154). No entanto, isso não ocorre no filme, onde os comportamentos, maneiras e aparências são os recursos que o docente tem, diante da classe, para transmitir essa mensagem. “Os indivíduos que são atores [professores] vivem, mais do que poderíamos pensar, num mundo moral, [...] mantém a impressão de que vivem a altura dos múltiplos padrões pelos quais eles e seus produtos são julgados” (GOFFMAN, 2014, p. 269).

Percebe-se mudanças quando o assunto é punição na instituição escolar. Existem advertências e suspensões, mas nada comparado aos castigos físicos dos tempos antigos. Consequências da evolução social escolar. Isso talvez tenha deixado os estudantes à vontade

para expressar suas opiniões e sentimentos resultando, em algumas ocasiões, no aprendizado construtivo e significativo, já em outras situações, como no caso do filme, um ambiente propenso a falta de respeito, desordem e violência ética moral. A relação estabelecida entre professores e estudantes não é apenas de quem é mais velho e detentor de mais conhecimentos, mas sim de poder (FOUCAULT, 2014). Os professores possuem poder sobre os estudantes (e os estudantes, em certa medida, também poder sobre o professor). Compreende-se que, enquanto os docentes não são respeitados pela sua profissão, a comunicação na sala de aula sofre rupturas na forma de desordem.

Explorar a (des)ordem escolar supõe a problematização de elementos próprios do universo da sala de aula. É tornar enigmático o que parece normal (LEMIEUX, 2015): a relação entre professores e estudantes, em especial, a linguagem comportamental do professor, tendo a sala de aula como local provedor de interações face a face (GOFFMAN, 2014). Observa-se que a sociedade não é apenas consenso (Durkheim), mas também conflitos (Goffman). Se, do ponto de vista durkheimiano, não pode ser observada uma crise, perguntamos: como enxergar então os conflitos? Goffman é o autor que nos ajudará aqui, relativizando aspectos homogêneos de sociedade e de educação contemporânea.

## 1.2 RESPEITO À ORDEM: ATOS DE DEFERÊNCIA E PORTE

Para existir ordem é necessário respeito entre indivíduos (atores/receptores). Nesse sentido, regra e disciplina mantêm uma relação recíproca e constante. No filme aqui estudado, percebe-se uma escola tentando padronizar condutas discentes a fim de regularizar seu cotidiano, estabelecendo respeito e ordem. São as chamadas *regras de condutas* definidas por Goffman (2011) como laços da sociedade que ligam o ator ao receptor, garantindo a aprovação constante dos indivíduos na interação face a face. As regras de conduta geralmente são indesejáveis pelo fato dos indivíduos terem de receber, aceitar, obedecer e respeitar ordens e sanções normalizadoras exteriores (da sociedade para dentro se si), como pode ocorrer abruptamente na sala de aula do referido filme.

A comunicação é importante para estabelecer regras de condutas, ordens comportamentais (cerimoniais) ditadas pela autoridade docente. Ela confirma os “eus” dos indivíduos (quem realmente são), “tanto para quem a regra é uma obrigação” (GOFFMAN, 2011, p. 55), quanto para aquele que a impõe. “Regras de condutas transformam a ação e inação entre indivíduos em expressão, comunicação” (GOFFMAN, 2011, p. 55) por meio de códigos que “governam regras cerimoniais, [...] carregando mensagens cerimoniais” (GOFFMAN, 2011,

p. 60), mediante atos linguísticos e gestuais. O cotidiano é uma cerimônia composta por encenações, representações. Seu desenrolar depende dos atos de deferência e porte estabelecidos entre os indivíduos face a face. (GOFFMAN, 2011).

Goffman (2011, p. 62) descreve a atividade cerimonial como “rituais interpessoais” constituídos por dois componentes: 1) deferência; 2) porte. “Deferência é o componente que funciona como um meio simbólico através do qual se comunica regularmente a apreciação para um receptor, [...] são rituais de obediência, submissão e conciliação que alguém sujeito a autoridade oferece para alguém que tem autoridade” (GOFFMAN, 2011, p. 61-63). É o que o subordinado deve ao superior, neste caso, o que os alunos devem aos docentes. A deferência ocorre com maior frequência em locais institucionalizados. “A prática de deferência e porte precisam ser institucionalizadas para que o indivíduo consiga projetar um *eu* sagrado viável, e permanecer na interação numa base ritual apropriada” (GOFFMAN, 2011, p. 93). No ambiente desinstitucionalizado do Entre os Muros da Escola, as deferências são escassas, tornando então o local propício à desordem.

A deferência é compreendida por meio de rituais de apresentação e evitação. Durante os rituais de apresentação “o ator representa concretamente sua apreciação do receptor” (GOFFMAN, 2011, p. 76), por via de convites, saudações, elogios, pequenos serviços, demonstração de carinho e afeição. No cotidiano escolar, são momentos em que os docentes estão orgulhosos diante das atitudes discentes, demonstrando nitidamente a eles seu apreço. Porém, os rituais de evitação “assumem a forma de proposições, proibições e tabus, que implicam em atos que o ator deve se abster de realizar se não quiser violar o direito do receptor de mantê-lo à distância” (GOFFMAN, 2011, p. 73). Em outras palavras, o ritual de evitação especifica o que não deve ser feito durante a interação social (desordens). Na escola, esses rituais se expressam diariamente em instantes que os professores se favorecem de seu papel para cobrar as tarefas cotidianas a serem realizadas pelos estudantes, bem como, disciplina e respeito dos alunos, com objetivos de manter a ordem e ensinar. Os ritos de evitação “ordenam não violar a esfera ideal de outrem, ou ainda, seus territórios” (NIZET; RIGAUX, 2016, p. 55), sempre procuram manter uma distância, um espaço suficiente para não sufocar, tampouco adentrar na intimidade alheia.

Quando o espaço dos atores (docentes) é respeitado pelos receptores (estudantes) a deferência é estabelecida, e pode-se dizer assim que uma ordem é instituída entre os muros da sala de aula. O respeito estabelece a interação ideal entre docente/discente. No espaço escolar, a sala dos professores é responsável por manter a privacidade docente, já que não permite a presença do alunado. Ocorre de maneira assimétrica porque a recíproca não é verdadeira: os

alunos não tem um espaço oficial reservado para si mesmos e em que os docentes não possam adentrar. Santos e Valle (2020) afirmam que por meio das regiões privadas os indivíduos podem manter em segredo algumas informações. Esse comportamento é crucial para os docentes, pois existem diálogos e comportamentos que devem ficar fora do alcance da percepção dos discentes, a fim de evitar rupturas à representação do eu na vida cotidiana docente.

Quando violada a privacidade, perde-se o respeito, a deferência, a ordem. Exercer atitudes que se contrapõem ao papel que se está exercendo cria desordem. Entre os Muros da Escola apresenta como exemplo alunos sem vontades de assumirem os estudos, o papel de estudantes. Já que não estudam, têm muito tempo livre para criar e manter a desordem diária, produzindo confusão mental e manutenção imprópria á seu papel. (GOFFMAN, 2011).

O porte é caracterizado pelo “amor próprio, isto é, a preocupação de não perder a face, exprime-se no porte: postura, vestuário e aparência” (NIZET; RIGAUX, 2016, p. 54), seguido de atributos como “discrição e sinceridade; modéstias em afirmação sobre o eu; controle da fala e dos movimentos físicos; autocontrole sobre emoções, apetites e desejos; aprumo sob pressão” (GOFFMAN, 2011, p. 80). Por meio dessas propriedades, um ator consegue expressar se suas qualidades são desejáveis ou não em determinada interação social. No ambiente escolar é característico do professor manter a boa aparência, recebendo em troca deferência dos alunos.

Goffman (2011) lembra que todo indivíduo presta deferência e porte. No caso da sala de aula, enquanto o professor explica os conteúdos com seu porte peculiar de autoridade local, os alunos podem prestar deferência ao docente e contribuir no estabelecimento de uma comunicação baseada nos conteúdos apresentados. Quando uma dúvida surge, por um ou mais estudantes, a situação se inverte. Os acadêmicos, com um porte sereno, têm o direito de comentar e perguntar o que não entenderam referente ao conteúdo que está sendo ministrado, e o docente tem o compromisso de prestar deferência aos estudantes, ouvindo suas dúvidas. Após compreender a dúvida exposta pelo(s) discente(s), o docente agora revestido de porte irá saná-las, enquanto os estudantes, com deferência, irão ouvi-lo. Esse jogo de saber o momento correto de ouvir e falar, deferir e se portar durante a interação social, ocorre quando há uma comunicação baseada no respeito recíproco entre os indivíduos. “O papel de professor, em termos goffmanianos, pode ser relativizado, dinamizado, quando um professor, sem ser coagido pela sua plateia, encontra margens de manobra para exprimir suas virtudes de ator social” (SANTOS; VALLE, 2020, p. 03).

A escola contemporânea, ao abrir as portas e aceitar um efeito amplo de indivíduos, inclusive os de instrução familiar precária, sem “treinamento de caráter ou socialização” (GOFFMAN, 2011, p. 80), abraça novos problemas como a relação conflituosa entre docentes

e discentes. “A escola, seguida do complemento ‘de massa’, passa a provar problemas sociais que durante algum tempo permaneceram razoavelmente alheios à própria instituição: a pobreza, o autismo, os *déficits* de alguma coisa, a violência (ROCHA; SANTOS; VALLE, 2016, p. 174), aumentando os focos de tensões escolares quanti e qualitativamente.”

Em meio a esse drama, o mau porte pode ser expressado tanto pelos discentes ao instaurarem a desordem, quanto pelos docentes, que diante da desorganização dos estudantes, gritam, xingam, batem com as mãos na mesa no intuito de chamar atenção, chutam móveis escolares para desabafarem suas raivas. No cotidiano escolar, diante de inúmeras provocações aluno/professor, o docente pode chegar ao ponto de expor sua raiva.

No filme, leva-se em consideração a incompatibilidade entre culturas, “já que sociedades e subculturas diferentes tem formas diferentes de comunicar a deferência e o porte” (GOFFMAN, 2011, p. 87), dificultando ainda mais as interações nas cerimônias entre grupos. “Os gestos de deferência esperados por membros de uma sociedade às vezes são incompatíveis com os padrões de portes mantidos por membros de outra” (GOFFMAN, 2011, p. 84). Chega-se ao ponto de que um docente completamente motivado em lecionar encontra alunos dispostos ou indispostos a aprender. Nessa realidade, o professor pode buscar maiores motivações e incorporar a realidade do alunado às aulas para conquistá-lo, embora isso possivelmente seja mais custoso para o professor.

### 1.3 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Partindo do exposto, a pergunta que norteia a realização desse estudo é: quais papéis de professor são representados no filme *Entre os Muros da Escola*, e como estes papéis influenciam na (des)ordem escolar? Richardson (1999) descreve o objetivo geral de uma pesquisa como aquilo que se almeja alcançar. Os objetivos específicos, por sua vez, definem aspectos particulares que contribuem para alcançar o objetivo geral. Logo, objetivo geral é compreender o papel de professor no cotidiano escolar por meio das diversas representações; e os objetivos específicos são: (I) reconhecer a viabilidade da metáfora do teatro como instrumento de aproximação da realidade escolar; (II) problematizar situações escolares que envolvem (des)ordens escolares; (III) compreender como estas (des)ordens atuam tanto na sala de aula quanto na sala de professores.

Apesar da obra de Erving Goffman, principal referência dessa pesquisa, ter poucos trechos sobre instituição escolar, citá-lo se justifica por suas problematizações aos estabelecimentos físicos compatíveis com a realidade educacional. De maneira mais pontual,

“Goffman não deixava de se servir de pesquisas que envolviam o papel de professor a fim de administrar as provas de seus conceitos” (SANTOS; VALLE, 2020, p. 03).

Do ponto de vista teórico/prático, a pesquisa se justifica à medida em que a metáfora teatral, combinada com uso do filme, torna problemático o mundo escolar. Nesse sentido, “diante de situações onde a maioria dos atores priorizam um olhar sobre uma atividade social buscando naturalizá-la, o sociólogo, ao endereçar-lhes certos tipos de questão, pode fazer reaparecer o arbitrário e a indeterminação que essa tentativa de naturalização negou-lhe” (LEMIEUX, 2015, p. 25). No cotidiano, pode-se “descobrir a ordem normativa que vale dentro das instituições, ou seja, a ordem comportamental [...], identificando os incontáveis padrões e sequências naturais de comportamentos que ocorrem sempre que as pessoas entram na presença imediata de outra” (GOFFMAN, 2014, p. 12-13). À luz da metáfora teatral utilizada nesse estudo, as interações aqui reunidas exprimem formas de vida escolar que, geralmente, poderíamos não as perceber.

Quanto às implicações práticas, a pesquisa procura contribuir à reflexão sobre o cotidiano escolar vivido por muitos professores e estudantes, em localidades possivelmente internacionais, nacionais e regionais. Refletir sobre a (des)ordem na escola é repensar por meio de um olhar que “faz reaparecer a dimensão social ocultada e mostra assim o caráter parcial ou errôneo dos raciocínios feitos e, eventualmente, os efeitos que certas soluções podem induzir” (LEMIEUX, 2015, p. 26). Não se tem a intenção, nesta pesquisa, de encontrar soluções, pois o que se constitui como solução para determinada região pode ser o início do problema para outra. Procura-se outrossim evidenciar-se problemas comuns à nossa realidade por meio de situações expressas no filme.

Os aspectos pessoais que me levaram a desejar descortinar (des)ordens escolares deram-se pela minha inserção, durante dois anos de graduação, em dois projetos de extensão: “Inclusão Digital para Idosos” e “Inclusão Digital para Adolescentes”, onde trabalhei como professor de informática básica para idosos e adolescentes. Posterior, por mais de dois anos, fui professor de informática no Programa Adolescente Aprendiz<sup>3</sup>, da Fundação do Bem Estar da Família Blumenauense (Pró-Família), em Blumenau (SC). Semelhante ao Liceu profissional do filme *Entre os Muros da Escola*, na Pró-Família os estudantes estavam matriculados em cursos técnicos profissionalizantes. A participação no Programa foi marcada por (des)ordens,

---

<sup>3</sup> Este programa foi criado em 2005, estando hoje amparado pela Lei Complementar N° 737, de 23 de novembro de 2009. O Programa proporciona experiências empregatícias vinculadas ao primeiro emprego de aproximadamente 300 jovens por ano, por meio de quatro cursos: 1) Auxiliar Administrativo; 2) Assistente de Vendas; 3) Auxiliar de Produção; e 4) Auxiliar de Alimentação.

conversas paralelas em voz alta etc. dos alunos na sala de informática. Os motivos alegados geralmente eram os mesmos: não gostar do curso em que está inserido, nem do ambiente de trabalho, tampouco do próprio ato de estudar. A aproximação da realidade vivida na Pró-Família para com a apresentada no filme *Entre os Muros da Escola* pareceu-me evidente.

Diante desse cenário, o professor vê-se em aflição. Tenta reduzir conversas paralelas e bagunças, esperando que os estudantes prestem atenção em suas explicações. Falar mais alto que os alunos, bater com a mão na mesa, chutar a cadeira na ausência dos estudantes, são atitudes consideradas ‘comuns’ ao ver um professor revoltado por sua turma não progredir. Conforme Dussel e Caruso (2003), tais atitudes certamente não agem positivamente sobre os corpos presentes neste ambiente, reforçando um muro existencial entre eles. Em vista de atenuar esses casos, espera-se respeito dos estudantes diante da postura do professor. Utilizar-se do lúdico é uma excelente alternativa para turmas desinteressadas (KISHIMOTO, 1998). Aqui estaria a grande diferença entre habitar e ocupar a sala de aula. Quem ocupa apenas utiliza a estrutura pronta, sendo um indivíduo passivo às coisas existentes, porém quem habita “forma a sala de aula de acordo com gostos, opções, margens de manobras; considera alternativas, elege algumas e destaca outras” (DUSSEL; CARUSO, 2003, p. 26).

Na aula de informática da Pró-Família, por exemplo, tais questões tornaram-se efetivamente reais quando, no papel de professor, percebia o descaso de uma turma ao solicitar a criação de pastas compartilhadas nos computadores (para salvar arquivos propostos como atividades). Tornava-se um momento de desordem, apesar de todos estarem em silêncio. Surgiam pastas com nomes fictícios, com apelidos, com nomes de animais, assim como pastas duplicadas ou deletadas por outros alunos. A fim de fazer os estudantes refletirem sobre suas atitudes, procurei dar vida e sentimento às pastas quando, numa tarde, fantasiei-me como tal, contando uma breve história sobre o ‘sentimento das pastas’ e como elas ‘ficavam tristes’ ao serem vítimas do descaso que estava acontecendo. O resultado foi imediato e a bagunça das pastas cessou, deixando a turma mais harmônica e produtiva. Certamente, se tentasse utilizar de gritos, tapas na mesa e chutes nas cadeiras os resultados não seriam os mesmos.

#### 1.4 O ESTADO DA QUESTÃO

O estado da questão objetivou mapear teses, dissertações e artigos, identificando como *Entre os Muros da Escola* está sendo explorado na área da educação. A busca inicial ocorreu por meio das palavras-chave: *Entre Les Murs*, escola e seus muros, e, sala de aula. Os sites que possibilitaram o mapeamento das pesquisas foram: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e

Dissertações (BDTD), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Google Acadêmico. No site BDTD foram encontrados dezenove trabalhos com a palavra chave “*Entre Les Murs*” e que tratavam do filme em questão. Os seus objetos de pesquisa variavam desde as relações com a produção técnico-cinematográfica aos comportamentos e ideologias vivenciados na sala de aula. Para o afunilamento da pesquisa, delimitou-se nas buscas critérios de leituras e objetos de pesquisas correspondentes apenas à organização da sala de aula e seus ‘muros’.

Antes de prosseguir com este levantamento, é preciso justificar a escolha das bases de dados. A BDTD foi consultada pela sua abrangência em âmbito nacional, possibilitando um cenário extenso de dissertações e teses na área pesquisada. Já a SCIELO permite um levantamento dos periódicos que abordam o assunto desta pesquisa. E o levantamento realizado junto ao Google Acadêmico justifica-se pela influência que o buscador digital tem sobre as pessoas e como isto impacta na concentração de conhecimentos.

A partir dessas especificações, selecionamos duas dissertações para constituir o estado da questão. A primeira, nomeada “O Cinema que pensa a pedagogia: autonomia e emancipação das práticas pedagógicas nos filmes *O Contador de Histórias* e *Entre os Muros da Escola*” (DEBUS, 2011). E a segunda, “Educação, Escola e Modernidade Avançada Através das Lentes do Cinema” (ALMEIDA, 2011).

A dissertação de Debus (2012) teve como objetivo entender como as práticas pedagógicas, observáveis nos filmes, relacionam-se com a igualdade e a emancipação social do estudante. A autora analisa os filmes *Entre os muros da escola* (2008) e *O contador de histórias* (2009). Debus (2011) dividiu seu trabalho em duas partes, a primeira tratando teoricamente do tema ‘organização da sala de aula’ em relação à educação, emancipação e autonomia dos estudantes. A segunda, apresenta uma análise dos filmes citados. Para Debus (2011), ambos os filmes apresentam um contexto educacional embrutecedor, atrofiador.

A segunda dissertação, de Almeida (2011), analisou a representação da escola pública moderna em vários países por meio do cinema. O trabalho investiga e explora de três filmes de diferentes origens. Sua fundamentação teórica e metodológica está ancorada principalmente em autores da Sociologia da Educação: Bourdieu, Durkheim. O autor teve como propósito discutir o contexto do neoliberalismo econômico e da globalização para compreender a educação global e seus desafios:

Evasão escolar, processos de aprendizado, diversidade multicultural, preconceito, exclusão, mercado de trabalho, violência, [...] a questão do Professor como ‘herói’ que tem que suprir a ineficiência do Sistema de Ensino, Sociedade da Informação, aspectos sócio geográficos e condições de ensino. (ALMEIDA, 2011, p. 07).

O autor retrata aspectos problemáticos da educação e questiona Políticas Públicas do Governo e Estado, considerando a importância da educação na sociedade contemporânea.

Na BDTD encontramos também a tese de Calles (2012), “O ser professor em obras literárias autorreferenciadas e em filmes: dimensões profissionais e emocionais do trabalho docente”. O objeto de questionamento é a importância das atividades docentes em vista de positivas ocorrências em sala de aula, considerando princípios profissionais e emocionais. O trabalho discorreu sobre as experiências de professores, evidenciando situações escolares que se passam desde a segunda metade do século XX. A pesquisa visou a necessidade de elucidação da inter-relação professor/aluno. Destaca-se que na pesquisa a autora refere-se ao filme *Entre Les Murs*, dedicando um capítulo a ele e afirmando que é uma obra que evidencia as posturas do professor mediante a uma turma intercultural e inter-racial, e dos jovens que não veem pontos positivos em sua vida de estudante.

Calles (2012) abordou espaços como sala de aula, sala dos professores, sala do diretor, sala de reuniões e o próprio corredor da escola. Tratando-se do referencial teórico, a autora utiliza Bourdieu para trabalhar a ordem social e escolar. Para Calles (2012), os muros da sala de aula separam a sociedade em duas partes, a vivenciada fora e dentro da escola, distinguindo a realidade de cada uma delas. Desse modo, o diálogo de Calles (2012) com a esta pesquisa contribui para pensar a escola como local onde existem relações baseadas em hierarquia e (des)ordens.

Além dessas dissertações e tese, para abarcar o estado da questão, a título de complementação, dois artigos foram encontrados. O primeiro na SCIELO, Nunes (2011), tratando-se de “Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme *Entre os Muros da Escola*”. E o segundo no Google Acadêmico, Pastoriza e Pinos (2015) intitulado “Para Falar de Disciplina, Corpos e Conhecimentos *Entre os Muros da Escola*”. As buscas de bibliografias foram auxiliadas pelas referências de todos os autores mencionados até o presente momento. Nunes (2011) analisou o problema da educação intercultural para repensar a escola atual e seu papel. O autor justifica sua pesquisa voltada a uma obra cinematográfica pela influência e relevância que os filmes têm na vida das pessoas, no intuito de pensar sobre os sentidos, visões e reflexões das situações colocadas à sociedade.

No segundo artigo, Pastoriza e Pinos (2015) estudam as relações de poder e como elas atravessam a escola. Sua fundamentação teórica está embasada em Michel Foucault e seus trabalhos sobre o poder e o controle. Os dois artigos dialogam entre si porque o de Nunes (2011) aborda as dificuldades da interculturalidade na sala de aula e o papel da escola para possíveis melhorias, tomando como base o filme *Entre Les Murs*, enquanto que Pastoriza e Pinos (2015)

completam esses pensamentos voltando-se para as ações de melhorias a serem tomadas pelos sujeitos da escola e da sala de aula. Este autor volta a atenção para as relações de poder disciplinar, analisando a “espacialidade escolar, dos corpos que ali se encontram disciplinados e dos conhecimentos que, assim como os corpos, se organizam nessa mesma lógica”. (PASTORIZA; PINOS, 2015, p. 301).

Estes estudos (CALLES, 2012; DEBUS, 2011; ALMEIDA, 2011; NUNES, 2011) também mencionam que *Entre os Muros da Escola* é uma obra cinematográfica que descreve a experiência do professor François Bégaudeau<sup>4</sup> em um Liceu do subúrbio de Paris.

Ao longo da pesquisa, a dissertação foi sendo constituída também por outras referências. Emile Durkheim contribuiu com suas obras *Educação e Sociologia* e *Educação Moral*. Pierre Bourdieu (2012) alicerçou as ideias sobre a dominação masculina, tratando-se do esquema ‘rígido/flexível’ e o comportamento esperado na sociedade por homens e mulheres. Erving Goffman (2014) contribuiu para a abordagem da sala de aula como um teatro composto por atores. Goffman (2014, p. 160) especifica que “atores apresentam-se na região de fachada e de fundo”. Em outras palavras, os professores, aqui considerados atores, circulam na sala de aula, local onde é criada e mantida sua fachada de professor, e também na sala dos professores, conhecida como região de fundo e/ou bastidor por estar longe dos olhos dos estudantes. Enquanto isso, a plateia, aqui considerada o corpo discente da escola, apresentam-se “somente na região da fachada” (GOFFMAN, 2014, p. 160), sala de aula, pátio, corredores, já que não existe uma sala formal e específica onde apenas os estudantes podem estar, sem a presença de professores e servidores.

Diante do exposto, o presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos: 1) Educação e Desinstitucionalização: (des)ordem e conflitos nas encenações; 2) Metodologia: um enfoque dramaturgico sobre a relação professores-alunos; 3) Sala de aula como palco de teatro; 4) Sala dos professores como bastidor; O primeiro tópico da introdução apresentou as premissas durkheimianas e a crise das instituições. No segundo tópico, privilegiamos atos de deferência e porte: (des)respeito estabelecido entre ator/receptor durante as representações. Essa seção fundamenta a importância do (des)respeito como ponto inicial para a (des)ordem escolar. O (des)respeito sustenta a (des)ordem escolar. A terceira seção expôs o tema, problema, objetivos e a justificativa da pesquisa. Na quarta seção apresentou-se o estado da questão por meio de

---

<sup>4</sup> Este é nome real do professor que vivenciou os fatos reais apresentados pelo filme em questão. E embora o filme foque apenas na experiência do professor em seu último ano na escola, Bégaudeau lecionou no mesmo Liceu por cinco anos.

pesquisas já realizadas com o filme *Entre os Muros da Escola*, sua relevância e importância no meio educacional.

O segundo capítulo exporá os aspectos metodológicos da pesquisa. Inicia-se, sublinhando a importância de estudar e analisar obras filmicas, explorando as diferenças entre espectadores normais e analistas. Utiliza-se da metáfora teatral como instrumento de aproximação da realidade escolar, abordando cenário, palco, bastidor, plateia e quadros no cotidiano escolar.

O terceiro capítulo apresenta evidências empíricas da (des)ordem escolar encontradas no filme *Entre os Muros da Escola*. Exibe as análises e interpretação dos dados. Trata a sala de aula como um palco de teatro. Denota a importância da fachada de professor e como o mesmo se representa por meio dela (seus comportamentos) para manter o controle expressivo em sala de aula. Do ângulo dos estudantes, descreve-se o alunado como equipe e como veem o comportamento do professor, resultando nos atos de deferência e porte cotidianos realizados na sala de aula.

Por fim, o quarto capítulo trata a sala dos professores como bastidor. Aborda a comunicação docente inapropriada sobre os alunos, decorrente de xingamentos, desabafos e julgamentos. É necessário para a equipe docente, enquanto presente no bastidor (sala dos professores), conversarem sobre as performances transcorridas no palco (sala de aula), avaliarem quais pontos devem ser melhorados, no intuito de estabelecerem e manterem a ordem. Ter um espaço que reserve e preserve a privacidade docente é fundamental para que o planejamento organizacional e educacional escolar ocorra grupalmente, planejadamente. “É na coletividade dinâmica que os objetivos educacionais são delineados, orientando a prática pedagógica, a busca (ou não) pela qualidade no ensino, bem como a formação de sujeitos participativos, conscientes e críticos na sociedade em que vivemos” (JEFFREY; GASPARELO; SCHNECKENBERG, 2018, p. 247).

Delimitado o objeto da pesquisa, a problemática e os objetivos, a seguir descreve-se a metodologia, momento de explanação dos conceitos fundamentais.

## 2 METODOLOGIA: UM ENFOQUE DRAMATÚRGICO SOBRE A RELAÇÃO PROFESSORES-ALUNOS

### 2.1 O FILME COMO OBJETO DE ANÁLISE

Os filmes são parte do cotidiano das pessoas. Uma obra filmica, qualquer que seja, é um instrumento repleto de informações. Em sua maioria, as pessoas o veem como entretenimento e diversão. Porém, às lentes do pesquisador, passa a ser visto como objeto de interesse científico. Em ambas as lentes, o filme transmite valores, visões de mundo e crenças através de diferentes práticas sociais. “Para a maioria das pessoas, os filmes funcionam como porta de acesso a conhecimentos e informações que não se esgotam neles [...] despertando e estimulando o interesse e a curiosidade em torno de temas e problemas<sup>5</sup> que, muitas vezes, sequer seriam levados em conta” (DUARTE, 2009, p. 72). O filme *Entre os Muros da Escola* aborda justamente situações comuns vivenciadas no cotidiano escolar, sobretudo em uma sala de aula, pois a maioria de suas cenas ocorre dentro dela, totalizando [1h:11min:46s]. Assim, o interesse do pesquisador é estudar especificadamente o filme *Entre os Muros da Escola*, que faz parte das produções cinematográficas francesas da primeira década do século XXI.

“Na França, o cinema, entendido como legítima forma de expressão cultural, recebe amparo oficial dos Ministérios da Cultura e da Educação e sua difusão integra os objetivos da educação nacional” (DUARTE, 2009, p. 17). “Ele [o cinema] é parte de uma estratégia política de preservação do patrimônio cultural da nação e, principalmente, da língua francesa” (DUARTE, 2009, p. 17). A França é a segunda maior produtora de filmes educacionais, ou ‘filmes de escola’, estando atrás apenas de Hollywood. “Trazem para as telas problemas e dilemas escolares e tentam fazer valer sua versão do que acontece do lado de dentro dos muros da escola” (DUARTE, 2009, p. 69).

De acordo com Pierre Bourdieu (2007), a experiência das pessoas com o cinema contribui para a disposição, valorizada socialmente, em analisar, compreender e apreciar histórias contadas em linguagem cinematográfica. Considera-se que os receptores, mais conhecidos como telespectadores (plateia) de filmes, já possuem um sujeito formado, com

---

<sup>5</sup> Elenca-se cenas do filme que exemplificam esses “temas e problemas” descritos por Duarte (2009). A primeira cena ocorre na entrada dos estudantes em sala, onde percebe-se a desordem. Outra cena mostra o momento em que a câmera foca a sala como um todo, mostrando as *panelinhas* existentes, como por exemplo, negros sentados com negros ao fundo da sala, os conversadores ao centro e os mais focados no professor na primeira fila. Estes problemas ajudam a evitar considerar a educação dos países europeus como perfeita e desprovida de problemas cotidianos.

saberes, crenças e valores em sua integridade, consciência e inconsciência, e que esses aspectos interagem concomitantemente com o filme. O telespectador não é evidentemente vazio e tampouco tolo. Suas experiências, referências culturais e visão de mundo influenciam a interpretação dos conteúdos da mídia (DUARTE, 2009). Quanto maior a afinidade com o filme, melhor será a interpretação e o sentido transmitido.

Do ponto de vista científico, os “filmes são fontes ricas de pesquisa sobre temas e problemas que interessam aos pesquisadores da área de educação” (DUARTE, 2009, p. 91); eles ajudam estudantes e professores a analisar a sociedade e suas especificidades. As relações entre espectadores/atores são construtivas. Por meio delas ocorrem absorções das informações dos filmes. “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2009, p. 16). Nesse sentido, o cinema pode ser considerado tão importante quanto as demais maneiras de arte, tendo o mesmo prestígio cultural. O filme *Entre os Muros da Escola* tem seu desenrolar voltado para o professor e seus alunos. Ele exige um olhar problematizador das dificuldades encontradas na sala de aula, nas relações de (des)ordem.

Para explorar os dados aqui investigados, destaca-se que “a descrição e a análise procedem de um processo de compreensão, de (re)constituição de um outro objeto, o filme passado pelo crivo da análise, da interpretação” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p. 12). A análise fílmica tem dois significados. 1) Atividade de analisar e; 2) O resultado dessa análise. Vale salientar que “não é possível conduzir, elaborar, uma análise de filme apenas com base nas primeiras impressões” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p. 13).

Do ponto de vista da pesquisa, o filme é um objeto bem mais delimitado do que o cinema. Ele pode ser ‘lido’ e analisado como texto, fracionando-se suas diferentes estruturas de significação e reorganizando-as novamente segundo critérios previamente estabelecidos, de acordo com os objetivos que se quer atingir. Desse modo, ele é objeto de diferentes ‘leituras’ ou do que se convencionou chamar ‘análises descritivas’. (DUARTE, 2009, p. 86).

No pensamento de Vanoye e Goliot-Lété (2012), analisar um filme não é apenas revê-lo, nem apenas examiná-lo tecnicamente. “Desmontar<sup>6</sup> um filme é, de fato, estender seu registro perceptivo e, com isso, se o filme for realmente rico, usufruí-lo melhor” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p. 12). Um pesquisador usufrui do filme quando presta atenção aos detalhes que o compõe, aos gestos dos personagens, às palavras, aos olhares, etc. Na análise ocorrem

---

<sup>6</sup> Entre os Muros da Escola foi desmontado com uma linha do tempo (disponibilizada com QR Code na página 39). Por meio dela é possível analisar fatores como tempo, espaço, ocorrências, personagens, diálogos, cenas e imagens. É o instrumento que permite o pesquisador ‘ver’ e analisar o filme sem necessitar exclusivamente do DVD físico.

descobrimientos de sentidos e significações do filme. O ato analítico lapida o analista, aperfeiçoando suas percepções e impressões, direcionando-o a reconsiderar suas opções e hipóteses para consolidá-las ou invalidá-las. A análise filmica, além de trabalhar o analista, trabalha o significado do próprio filme, movendo e mexendo sua significação, seu impacto (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2012). A definição e conceito de análise filmica, por Vanoye e Goliot-Lété (2012, p. 18), leva em consideração o distanciamento pessoal da obra para que não ocorram induções pessoais à pesquisa.

Analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisa, por exemplo, a composição química da água, decompô-lo em seus elementos construtivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e dominar materiais que não se percebem isoladamente ‘a olho nu’, pois se é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto filmico para ‘desconstruí-lo’ e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme. Através dessa etapa, o analista adquire um certo distanciamento do filme.

Bellour (1988) destaca que por meio das anotações o pesquisador deve seguir dois critérios de análise: 1) a segmentação do filme; e, 2) a interpretação. Durante a execução deve levar em considerações dois pontos principais: 1) o espaço, composto por planos filmicos, como movimentação da câmera durante a cena, movimentação dos atores e o ângulo de foco em que a cena é gravada, enquadramento dos personagens, definição da imagem, montagem do palco. 2) o Tempo, composto por tudo que compõe a imagem apresentada (cena), sua duração, e também os áudios, como diálogos e trilhas sonoras. Prestando atenção aos detalhes desses critérios (segmentação e interpretação), o analista fragmenta o filme desconstruindo-o, interpretando-o nas minúcias.

Quando é estabelecida a comunicação entre o filme e o analista, superam-se os problemas de interpretação, alcançando-se uma disposição propícia à análise. A “natureza da relação do analista com ‘seu’ filme determina em parte a riqueza da própria análise” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p. 17). Desse modo, o analista distingue-se do espectador, não se deixando dominar pelo filme e tendo uma visão mais compreensiva da obra. Isso é possível quando o pesquisador entra numa relação forte com seu objeto. Observa-se, a seguir, que no quadro 01 contém a diferenciação, segundo Vanoye e Goliot-Lété (2012, p. 18), entre ambos espectadores.

Quadro 1 - Espectador Normal X Analista

Espectador Normal	Analista
Passivo, ou melhor, menos ativo do que o analista, ou mais exatamente ainda, ativo de maneira instintiva, irracional.	Ativo, conscientemente ativo, ativo de maneira racional, estruturada.
Percebe, vê e ouve o filme, sem desígnio particular.	Olha, ouve, observa, examina tecnicamente o filme, espreita, procura indícios.
Está submetido ao filme, deixa-se guiar por ele.	Submete o filme a seus instrumentos de análise, a suas hipóteses.
Processo de identificação	Processo de distanciamento.
Para ele, o filme pertence ao universo do lazer.	Para ele o filme pertence ao campo da reflexão, da produção intelectual.
Prazer	Trabalho.

Fonte: Vanoye e Goliot-Lété (2012, p. 18).

O analista conduz seus pensamentos transfigurando o filme em produção escrita, isto pois, a produção fílmica difere da literária:

Enquanto a análise literária explica o escrito pelo escrito, a homogeneidade de significantes permitindo a citação, em suas formas escritas, a análise fílmica consegue transpor, transcodificar o que pertence ao visual (descrição dos objetos filmados, cores, movimentos, luz, etc.) do fílmico (montagem das imagens), do sonoro (músicas, ruídos, grãos, tons, tonalidade das vozes) e do audiovisual (relação entre imagens e sons). Desse modo, para que o filme possa ser citado, necessita-se analisar o conjunto de fatores mencionados. (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p. 17).

Os diálogos traduzidos pelas legendas do filme também são materiais de análises. As legendas possibilitam ao pesquisador analisar um filme sem necessariamente ser fluente na língua em que foi gravado, facilitando a compreensão dos diálogos. Mas, durante este percurso, os pesquisadores geralmente encontram dificuldades ao examinar um filme. Importa que o analista estabeleça um dispositivo de observação do filme, entre eles, a anotação. Vanoye e Goliot-Lété (2012) recomendam que os analistas não confiem na memória cinéfila, ou seja, em registros que ficam exclusivamente na mente do analista, pós assistir e reassistir o filme. Deve-se, sempre que necessitar, rever determinada parte do filme para evitar erros, registrando isso que Goffman (2012) chama de “quadros primários”.

Em que consiste estes quadros? Vejamos. O ator procura controlar as impressões de seu público a fim de construir uma imagem favorável de si mesmo (GOFFMAN, 2014). “Toda experiência humana remete a um quadro determinado, geralmente compartilhado por todas as pessoas que se encontram face a face. Esse quadro orienta as percepções que elas têm da situação, bem como os comportamentos que adotam em relação a esta” (NIZET; RIGAUX, 2016, p. 85). Faz jus a esta pesquisa os quadros primários, classificados e conceituados por

Goffman (2012) à medida que permitem entender os atos e representações da vida cotidiana, pois constituem elementos centrais de determinada cultura e grupo social.

Goffman (2012) conceitua quadros primários os que permitem conferir sentidos em uma determinada situação, estabelecendo relações diretas com as percepções dos indivíduos envolvidos. Em suas próprias palavras: “esquema primário é aquele que se pensa que converte em algo significativo aquilo que de outro modo seria um aspecto da cena desprovido de significação” (GOFFMAN, 2012, p. 45). Na metáfora teatral, a escola pode ser vista como um palco, os docentes como atores, mesmo quando o filme *Entre os Muros da Escola* poderia ser considerado ‘desprovido de significação’ por alguns profissionais da educação. Porém, às lentes do pesquisador, o filme passa a ser “um esquema primário que permite localizar, perceber e identificar um número aparentemente infinito de ocorrências concretas” (GOFFMAN, 2012, p. 45).

Os esquemas primários dividem-se em duas classes, naturais (da natureza) compostos por ocorrências não dirigidas, orientadas e guiadas; e sociais (ações humanas) que “fornecem uma compreensão de fundo para os acontecimentos que incorporam à vontade, o objetivo e o esforço de controle de uma inteligência, de um agente vivo, sendo o principal deles o ser humano” (GOFFMAN, 2012, p. 46). Segue exemplo: *natural* é o sol que entra na sala de aula pela janela, *social* ou *ação guiada* é o ato de descer a persiana ou fechar as cortinas para impedir a entrada de luz. “Pressupomos então que, se os acontecimentos naturais ocorrem sem uma intervenção inteligente, as ações inteligentes não podem ser realizadas de maneira efetiva sem entrar na ordem natural” (GOFFMAN, 2012, p. 47). Os quadros primários são compreendidos conforme o acontecimento ao qual ele é aplicado. Neste sentido, o comportamento espontâneo agitado e dispersivo dos estudantes observado no filme *Entre os Muros da Escola*, bem como as ações do Prof. Marin exercidas sobre o alunado na tentativa de escolarizá-los e ordená-los, tratam-se de ações sociais.

Por fim, todo filme que retrata uma escola é um produto cultural acessível para analisar uma determinada sociedade e seu contexto sócio histórico. O filme estrutura a representação de uma sociedade, com atores e seus respectivos papéis sociais (GOFFMAN, 2014). O pesquisador utiliza-se da metáfora teatral descrita por Goffman para transmitir conhecimentos contidos nas interações representadas por imagens e sons.

## 2.2 A METÁFORA TEATRAL COMO INSTRUMENTO DE APROXIMAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR

O trabalho intelectual de Goffman originou conceitos sobre interação social e a representação dos indivíduos na sociedade, em especial, sobre interações que ocorrem dentro dos limites físicos de um estabelecimento social. A interpretação de Goffman (2014) é pautada em uma dramaturgia social, também conhecida como perspectiva teatral. Essa perspectiva permite observar a realidade escolar do *Entre os Muros da Escola*, buscando entender a relação com a ordem escolar mantida pelo papel de professor nas interações face a face. O livro *A Sociologia de Erving Goffman* exemplifica: “Imaginemos uma pessoa em face de uma ou de várias outras. Goffman nos propõe considerar que esse tipo de situação se refere a um ator que representa diante de um público e adota expressões, com vistas a controlar as impressões desse público” (NIZET; RIGAUX, 2016, p. 29).

A viabilidade em estudar a sala de aula por meio do filme *Entre os Muros da Escola* está em sua aderência à realidade diversificada e multicultural da escola. A escolha pela utilização de Goffman justifica-se por suas análises pautadas na metáfora do teatro descritas por meio de cenário, palco, bastidor, plateia e quadros durante as interações face a face. Assim, a pesquisa sociológica induz à imersão do pesquisador no citado filme, observando as interações cotidianas em espaços escolares por onde circulam estudantes e professores: em especial Prof. Marin. Das minúcias, descritas nos próximos capítulos, por meio da sala de aula apresentada no filme, vieram à tona atitudes consideradas, aqui, significativas para sinalizar as situações escolares que envolvem a representação da (des)ordem escolar. Tais observações foram registradas por meio de cenas (imagens ao longo das análises), mostrando como as representações, fachadas, gestos, comunicação corporal e fala dos atores sociais atuam na produção de (des)ordens escolares.

A analogia do teatro distingue ainda os espaços entre bastidores e palco. Nos bastidores se supõe que as pessoas têm privacidade com seus colegas atores. Já no palco, os indivíduos articulam e orquestram gestos, sustentando suas autoimagens, trazendo à tona relações desejadas por outros, correspondente à exigência normativa da situação. “Projetam uma definição da situação da qual uma parte importante é o conceito de si mesmo” (GOFFMAN, 2014, p. 260). Estas são maneiras de tornar visíveis os objetos mundanos da vida cotidiana.

Nessa perspectiva “presume-se que a vida apresenta coisas reais e às vezes bem ensaiadas, [...] no palco o autor (se) apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros autores” (GOFFMAN, 2001, p. 9). Nos diversos locais

existentes na escola, Cantina, Corredor, Pátio, Sala de Aula, Sala dos Professores, Sala do Diretor, o ator tende a executar diferentes papéis, cada um com a fachada (máscara) apropriada para o momento. Por isso, consideramos pessoas como atores do cotidiano, e a sala de aula como palco de teatro, local utilizado pelos atores. No contexto escolar, considera-se como bastidor o lugar em que os docentes ficam à vontade para conversar entre si (sala dos professores), distante da plateia (alunado).

No intuito de compreender melhor o objeto empírico de análise, criou-se uma linha do tempo, esmiuçando-o, fragmentando-o, onde especifica-se os principais acontecimentos do filme: 1) quais são as cenas; 2) quem são os atores visíveis em todas as cenas; 3) tempo decorrido em cada cena; 4) número de repetições recorrentes das cenas; 5) atividades dos atores em todas as cenas, como bagunça); 6) Situação das cenas. A linha do tempo foi desenvolvida no software CorelDraw, possui 1,5 metros de comprimento sem cortes de páginas, excedendo o formato A4 comumente usado (o que criaria um minúsculo espaço de representação do filme). A linha do tempo que representa o filme é um guia, um instrumento que possibilita enxergar o filme sem necessidade do DVD. Para ter acesso a linha do tempo, basta aproximar o leitor de QR Code do celular:



Compõe os diversos locais e atores correspondentes em determinado tempo e espaço do filme. Toda a estrutura física influencia as interações e compõe um grande cenário. Entre os Muros da Escola apresenta como cenários, o Corredor, Sala de Aula, Sala dos Professores, Pátio, Cantina, Sala do Diretor, Sala de Reuniões.

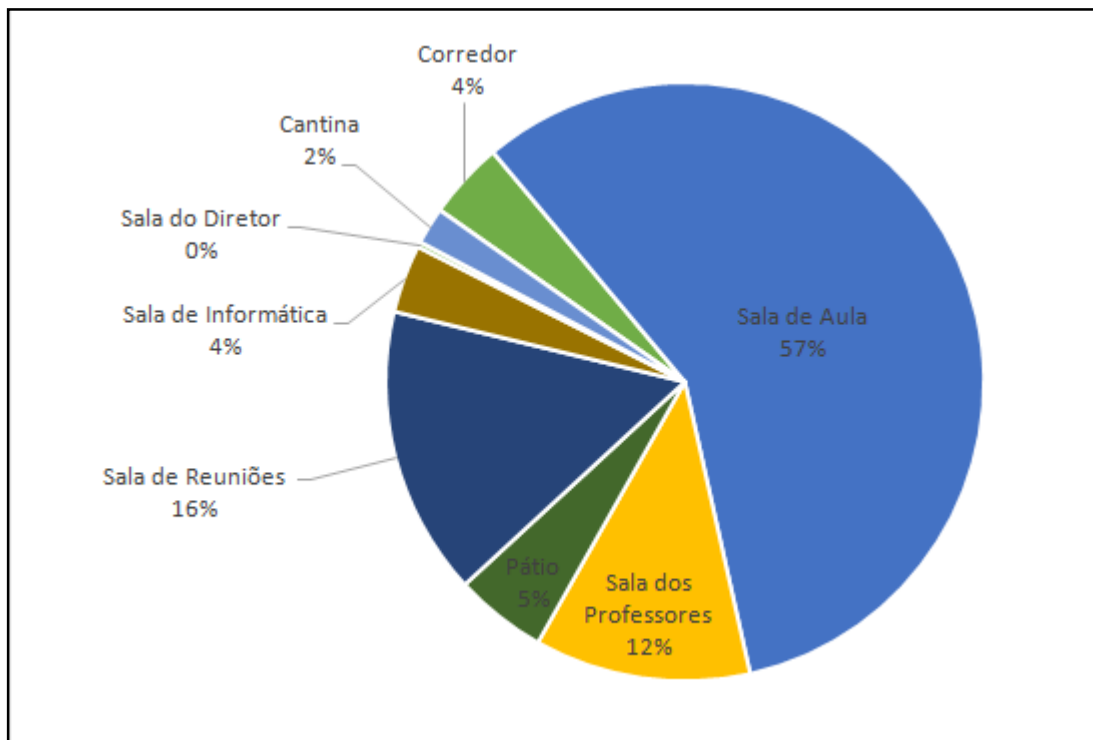
Quadro 2 - Legenda da Linha do Tempo

Sigla	Espaços	Tempo	Repetições
I	Início	00:00:00	01
AGP	Apresentação da Gravadora e Patrocínios	0:37s	01
TF	Título do Filme	0:09s	01
R	Rua	0:34s	01
CE	Chegada na Escola	0:15s	01
CO	Corredor	5:18min	10
SA	Sala de Aula	1h:11min:46s	12
SP	Sala dos Professores	14:40min	09
PA	Pátio	6:14min	08
SR	Sala de Reuniões	19:27min	05
SI	Sala de Informática	4:53min	01
SD	Sala do Diretor	0:35s	03
CA	Cantina	2:45min	01
CR	Créditos	2:30min	01
F	Fim - Duração Total	02h:09min:43s	01

Fonte: Elaborado pelo Autor

Na parte fotográfica, tirou-se ‘fotos’, congelando imagens do filme, no objetivo de ilustrar a análise textual. Os personagens dispostos à observação, uma vez que aparecem nas cenas, foram professores, estudantes, diretor, coordenadora, serviços gerais, cozinheira, contador e os pais, descritos no Quadro 02. Professores e estudantes são, principalmente, os personagens de atuações mais frequentes no filme, seguidos dos demais servidores da escola. De modo geral, os estudantes não utilizam uniformes e são de diversas etnias (latina, europeia, africana, asiática). O protagonista, Prof. Marin, é francês, nascido em 1971, com 35 anos de idade quando filme foi gravado. Os principais locais apresentados pelo próprio filme, a partir do tempo em que a câmera destinou a cada um deles, foram: sala de aula [1h:11min:46s], sala de reuniões [19min:27s], sala dos professores [14min:40s], pátio [06min:14s], corredor [05min:18s], sala de informática [04min:53s], cantina [02min:45s], sala do diretor [00min:35s].

A seguir apresenta-se uma ilustração em forma de gráfico, com as porcentagens desses dados.

Gráfico 1 - Tempo decorrente nos cenários do filme *Entre os muros da escola*

Fonte: Elaborado pelo Autor

Dentre estes, a sala de aula é o principal local, onde passa-se o maior tempo do filme, e procura-se compreender em meio a este cenário como o professor estabelece uma situação que favorece o exercício do seu papel. É possível observar, por meio dos dados ilustrados, que na vida real não é muito diferente, e que, a demanda de tempo do professor em cada local estabelecido, ocorre em números aproximados no cotidiano escolar. Posterior a sala de aula, tem-se a sala de reuniões e sala dos professores, prosseguido dos demais locais da escola. Vale salientar que muitos acontecimentos importantes e pertinentes à pesquisa também podem ocorrer em espaços poucos mostrados no filme, ou mostrados rapidamente. Logo, o fato da sala de aula aparecer mais frequentemente como o palco das atrações não tira a importância de acontecimentos dos demais locais ou nos bastidores, menos favorecidos no quesito tempo.

No Capítulo 3, a pesquisa aborda a sala de aula como um palco de teatro, composto pela fachada do professor, e as ações que o docente utiliza para produzir a ordem escolar na sala de aula, por meio de suas regiões de comportamento. O capítulo também descreve o alunado como equipe, e evidentes ocorrências derivadas de sua união e desunião.

No Capítulo 4 a pesquisa aborda a sala dos professores como bastidor e as interações sociais dos docentes diante dos alunos ausentes, bem como, a comunicação inapropriada sobre o alunado. Descreve conversas referentes a encenação docente, como ela deve ser realizada da melhor maneira possível no palco da sala de aula.

### 3 A SALA DE AULA COMO PALCO DE TEATRO

No capítulo a seguir, o livro *A representação do eu na vida cotidiana* (GOFFMAN, 2014) será a principal referência. Analisar-se-á essencialmente inúmeras formas de interações sociais a partir da *metáfora do teatro*. Os olhares se estenderão sobre o comportamento humano no interior da sala de aula da escola apresentada em *Entre os Muros da Escola*. No sentido mais amplo, problematizar-se-á também as formas de *representação* do homem na sociedade, como ele expõe sua imagem e se mostra aos semelhantes.

#### 3.1 A FACHADA DE PROFESSOR

A fachada social descrita por Goffman (2014) é dividida em *aparência e maneira*<sup>7</sup>. A aparência revela o status social do ator, e a maneira o modo como o ator age diante da plateia. A *fachada* informa então o que está acontecendo em determinado tempo e espaço, e o tipo de relação que está sendo vivido mediante características físicas (aparências, vestimentas) e intelectuais (pensamentos, atitudes), mostrando a todos os presentes como esta relação se desenrola. Então, denomina-se como fachada:

[...] a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. *Fachada*, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (GOFFMAN 2014, p. 34).

Supõe-se que todo professor compromissado com seu trabalho tenderá a manter uma representação; um ideal sobre si mesmo que existe não apenas a partir de suas próprias concepções, mas, de ideias coletivamente compartilhadas. Seria o caso da representação de um indivíduo que se dispõe a ensinar algo a quem se encontra disposto a aprender. O professor, nesse sentido, atuando através de um papel social, procura fazer jus ao seu título profissional quando, com diferentes maneiras, ensina algo a seus estudantes. O ensino determinado pelo currículo tende ser estrito, não considerando as necessidades individuais de cada pessoa. É desenvolvido por meio de preocupações globais. Espera-se que o docente, juntamente com a escola, regionalize o ensino atendendo a demanda da comunidade local explorando situações de ensino e espaços diferenciados. De maneira mais precisa, quando um docente se recusa a

---

<sup>7</sup> Um exemplo: algumas pessoas podem ter maneira de professor, sem ter, porém, aparência. No geral a maneira ‘salva’ a aparência, pois se o indivíduo não parece professor ele pode atuar como tal. Esta atuação conquista e aceita a aparência da profissão.

ensinar, por força de um mau salário, ou pela bagunça desenfreada dos estudantes, ou até mesmo em manifestações de greve, pode ocorrer ruptura que gera conflitos contra sua própria imagem. Nesse sentido, o tratamento que o docente concede a toda comunidade escolar expressará a concepção do seu próprio eu, por meio de suas obrigações (de lecionar e seguir as regras), e expectativas de sua plateia ou comunidade escolar (em confiar que o docente leciona da melhor maneira possível).

A fachada mantida pelo docente durante os primeiros dias de aula geralmente são as melhores possíveis. Um docente comprometido tende a utilizar suas mais familiares representações, transmitindo a melhor aparência possível. “Ensinar é, afinal de contas, uma arte de performance, querendo ou não reconhecer isso, assumimos uma fachada diferente todos os dias do semestre” (PARINI, 2007, p. 103). É o caso ocorrido na primeira exibição da sala de aula no filme [04min:35s]. O palco principal da performance do professor se descortina. Inicialmente, o docente espera os estudantes de pé em frente à porta. Sua aparência física é expressa por roupas sociais e tons alegres. Prof. Marin solicita aos alunos a retirada dos bonés<sup>8</sup> e capuz à medida em que entram na sala de aula. O ato de examinar os jovens neste momento compõe uma das práticas correspondente ao seu papel. Para definir o tipo de comunicação, capacidade e confiança que se estabelecerá nos segundos seguintes, os atores observam uns aos outros, usufruindo da comunicação visual. O boné interfere neste meio de comunicação, por isso a necessidade de retirá-lo. Fica evidente nas primeiras cenas do filme a ordem e a disciplina instauradas na sala de aula. Marin transmite a mensagem de que ele é a autoridade e ali não é local onde os estudantes podem entrar e conversar como se estivessem na rua ou em casa. Necessitam, portanto, alterar seu porte diante do professor, desde o primeiro minuto em que entram na sala de aula, prestando deferência. Demonstrando preocupação em relação ao barulho dos estudantes dentro da sala de aula, Marin bate com a mão na mesa por 3 vezes e exclama [05min:19s]:

PROF. MARIN: Bia! Bia! Bia! Bia! Hê! Hê! Hê! Hô! Vamos nos acalmar! [chama a atenção, o professor].

Os gestos tendem a esclarecer aspectos importantes no cotidiano, sobretudo, quando se referem aos inúmeros focos de atenção dos estudantes não correspondentes à atuação do professor. O celular, o fone de ouvido, o entusiasmo de estarem juntos, as mútuas brincadeiras,

---

<sup>8</sup> Na sociedade Latino-Americana retirar o boné é sinônimo de respeito para com o semelhante. Existem duas situações em que indivíduos retiram os bonés (os chapéus): 1) Por livre e espontânea vontade, diante de alguém considerado importante, demonstrando assim um respeito espontâneo em qualquer local; e 2) Por obrigação, no momento em que alguém impõe disciplina e ordem, como é o caso da sala de aula apresentada pelo filme, demonstrando um respeito obrigatório para determinado indivíduo em locais específicos.

as provocações recíprocas etc., estão entre os principais desvios de atenção. Por força da desordem e do falatório, o professor chama a atenção reivindicando uma situação favorável para iniciar sua aula. Após bater três vezes a mão na mesa, ele consegue a atenção dos estudantes [05min:47s]:

PROF. MARIN: Perderam 5 minutos fazendo fila lá fora, 5 entrando e 5 para se acomodarem. Perdemos 15 minutos de uma hora. Tem noção do que significa perder 15 minutos de uma hora? Em 25 horas por semana e quase 30 semanas por ano, são milhares de minutos que perdemos. [Marin demonstra ar de aflição mediante expressões faciais]. Há escolas que trabalham durante uma hora inteira. [subentende-se que o docente está falando de escolas melhores que esta]. Vejam a vantagem que levam sobre vocês. [neste momento o professor demonstra seriedade e preocupação com os estudantes].

Os gestos de Marin estão susceptíveis de sofrerem interpretações pelos estudantes ou público em geral. Lembra Goffman (2014, p. 21) que “o observador provavelmente levará vantagem sobre o ator”, pois este nem sempre se adequa ao comportamento ideal esperado por cada estudante na sua individualidade sociocultural. “As ações e as condutas são permanentemente sujeitas a interpretações de diferentes atores sociais, a partir de variados pontos de vista e perspectivas” (VELHO, 2008, p. 147). O docente vive riscos constantes de julgamentos variados, podendo não ser compreendido mesmo quando pensa na melhor maneira de agir para obter a resposta desejável. Na interação face a face nada está garantido.

Durante sua fala, Marin mexe os braços constantemente para cima e para baixo, de um lado a outro, na tentativa de chamar a atenção. Transmite uma imagem docente preocupada em estabelecer a comunicação com seus alunos, colocando à prova sua própria fachada de professor. Enquanto leciona, mesmo com todo seu esforço, o docente tem suas condutas e ações sujeitas a interpretação dos estudantes, a partir das perspectivas e tradições socioculturais diferentes. Durante o diálogo em sala de aula, quando o docente se exprime, ele produz impressões, influenciando as próximas expressões dos estudantes. Tais expressões dos alunos, resultantes da primeira impressão produzida pelo docente, influenciam também as próximas expressões do professor, e assim subsequentemente. Pelas lentes de Goffman (2014, p. 270) todos os atores são “fabricantes de impressões envolvidos na tarefa demasiada humana de encenar uma representação”. Marin pretende estabelecer uma comunicação pedagógica<sup>9</sup> ideal com seus estudantes. Instrumentos como: mesas, cadeiras, cadernos, canetas e lápis, quadro e giz, permitem que estudantes e professores performam suas relações. Todos estes artigos

---

<sup>9</sup> Estando o professor munido de sua inteligência e aptidão de falar, uma aula pode ser dada em outros locais sem necessariamente estar inserida no *cenário* tradicional da sala de aula. Assim, um professor pode lecionar, mesmo que informalmente, em uma viagem de carro, no parque, na cantina, etc, desde que esteja acompanhado de alguém que queira aprender.

mobiliários compõem o palco onde os atores realizam sua apresentação. Itens socialmente estabelecidos compõem a ordem escolar e a comunicação pedagógica: uma vez existindo cadeiras na sala, é necessário que os estudantes sentem nelas, existindo mesas, que os alunos fiquem atrás delas e, assim, sucessivamente.

Neste cenário, observa-se aproximadamente 10 estudantes de diferentes etnias, como por exemplo, africanos, latino-americanos, asiáticos e europeus. Também se observa uma estante onde encontram-se alguns livros, pastas e o dicionário de língua francesa, *Le Robert*, já que as aulas em ocorrência são de francês. Existe também uma porta, fechada na maior parte do tempo, e janelas de vidro transparentes com suas respectivas cortinas entreabertas. Assim, cenário, aparência e maneira são divisões da fachada social que, juntas, originam-na, compondo-a, sendo capazes de definir uma situação (GOFFMAN, 2014).

“Quando um indivíduo chega à presença de outros, estes geralmente procuram obter informações a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem” (GOFFMAN, 2014, p. 13). A fachada dos atores e seus respectivos papéis se estabelecem mediante as informações obtidas por cada indivíduo. “A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (GOFFMAN, 2014, p. 13). Desse modo, os estudantes observam a fachada do professor no primeiro dia de aula, podendo inferir como a situação desenrolar-se-á. Nos primeiros minutos de aula, a importância das primeiras impressões transmitidas é evidenciada pelo docente. Prof. Marin, homem, 35 anos, magro, branco, cabelo castanho curto, de origem francesa, vestindo terno, camisa e calça social, tende a produzir uma impressão no primeiro dia de aula. Estas e outras informações permanecem sob observação dos estudantes. Goffman traz um exemplo adquirido em suas pesquisas de campo sobre a fachada de professor:

Quando a interação iniciada por ‘primeiras impressões’ é simplesmente a interação inicial de uma extensa série de interações, envolvendo os mesmos participantes, falamos em ‘começar com o pé direito’, e julgamos essencial proceder deste modo. Assim sabemos que alguns professores têm a seguinte opinião:  
 Não os deixe nunca levar vantagem sobre você ou estará derrotado. Por isso eu começo firme. No primeiro dia em que recebo uma nova turma, faço com que saibam quem é que manda.... Você tem de começar firme e então poderá facilitar, à medida que prossegue. Se começar facilitando, quando tentar ‘apertar’, vão apenas olhá-lo e rir. (GOFFMAN, 2014, p. 24)

Prof. Marin, neste primeiro dia, resguarda-se. Ele fica apenas diante da classe, sem misturar-se aos alunos, cortando rispidamente quem quisesse falar sem permissão, sem levantar a mão. O fato de Marin ser francês cria um problema perante a classe que, em sua maioria provém de famílias de imigrantes. A eloquência de Prof. Marin sobressai a timidez dos estudantes em todos os sentidos; ele mostra ‘sua cultura francesa’, seus valores e conhecimentos

sobre a língua. Isto ocorre com prolixidade, gerando longas frases da parte do professor. Ações que criam um muro entre docentes e alunos, mediante a incompatibilidade cultural.

Os atores estabelecem a qualidade da relação social naquele tempo e espaço desde seu descortinar, ora boa, ora dispersiva devido ao falatório. Os atores, conscientes ou não, agem por inferência<sup>10</sup>, isto é, aceitam inicialmente o indivíduo, confiando nele e oferecendo-lhe uma retribuição da mesma. “Suponhamos que eu seja, por exemplo, seu hóspede. O senhor não sabe, nem pode determinar cientificamente se vou roubar seu dinheiro ou seus talheres. Mas por inferência, não farei tal coisas, e, por inferência, o senhor me receberá como hóspede” (GOFFMAN, 2014, p. 15 *apud* VOLKART, 1951, p. 5).

Pode-se inferir que o ator principal instiga seus alunos a aprenderem algo, por meio do ensino, já para os atores secundários<sup>11</sup> infere-se que o exercício do papel de professor seja ensinar, mantendo assim uma representação. Cada qual, estando de um lado do palco, têm interesses e vontades particulares, o que não impede que as relações sejam recíprocas, tampouco que a ordem seja estabelecida e a disciplina mantida. Do ponto de vista do indivíduo, as inferências representam uma impressão definida *com o outro*, estabelecidas por meio da deferência e porte. Goffman (2014, p. 18) afirma “que quando um indivíduo chega diante de outros, suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar”. Os interesses estabelecidos na interação são subjacentes ao desejo dos indivíduos de guiarem as respostas dadas pelas demais pessoas presentes.

Encontrar inúmeros afazeres (dormir na aula, ouvir música com fones de ouvido, usar o celular, roer unhas, brincar e ‘ficar no mundo da lua’) que não sejam prestar atenção em Marin é uma das peculiaridades encontradas nas representações dos atores secundários, conforme ilustra a imagem 01. O simples fato de estarem de corpo presente em sala esperando o tempo passar parece suficiente, não existindo a necessidade de estar aprendendo. O tempo ocioso causa desordem em sala de aula. A definição da situação apresentada pelos estudantes mediante estes atos determina parte do cotidiano da classe.

---

<sup>10</sup> Neste caso, a palavra inferência não significa ‘deduzir algo’, mas sim ‘confiar em alguém’. Trata-se de um dos conceitos de Goffman (2014); é necessário que as pessoas confiem umas nas outras para existir a interação social, para que alguns regulem a conduta de outros, como é o caso de Marin em relação aos estudantes.

<sup>11</sup> Nos termos de Goffman (2014) existem os atores considerados principais e secundários. Fazendo jus ao seu conceito, considera-se ator primário o docente Marin, já que, ele é o único docente presente na sala de aula do filme e sem ele não existe aula. E os atores secundários, os estudantes, pois mesmo que um deles falte a aula continua sendo lecionada. Neste sentido chama-se nesta pesquisa o docente de ator primário e os estudantes de atores secundários.

Imagem 1 - Estudantes ociosos



Fonte: Entre os muros da escola (2008)

No trabalho de manutenção de sua imagem de docente, Prof. Marin faz uso da imagem e controle descritos por Goffman (2014, p. 20).

Pode-se citar o exemplo especial da Ilha Shetland. Sempre que um vizinho entrasse para tomar uma xícara de chá, comumente esboçaria, pelo menos, um sorriso caloroso e acolhedor ao passar pela porta do chalé. Já que não havia obstáculos físicos do lado de fora do chalé nem luz dentro dele, era, em geral, possível observar despercebidamente o visitante quando se aproximava, e assim os ilhéus se deleitavam muitas vezes em espiar o visitante abandonar qualquer expressão que estivesse manifestando e trocá-la por outra sociável, logo antes de alcançar a porta. Entretanto, alguns visitantes, verificando que havia este exame, adotavam um ar sociável bem longe da casa, assegurando deste modo a projeção de uma imagem constante.

O controle estabelecido sobre a fachada do indivíduo é demonstrado no exemplo exposto da Ilha Shetland. Marin deve abandonar qualquer expressão mantida na sala dos professores (*bastidor*), expressando outra mais séria ao entrar na sala de aula (*palco*). Projeta situações e aparências do caráter próprio de professor, como qualquer docente que preze pelo respeito mantido diante de seus estudantes. Expressa (auto)controle, procurando conduzir os alunos ao caminho mais eficaz possível mediante a realidade em que se encontram, talvez, com as propostas curriculares do plano de ensino que independem de suas vontades pessoais. Marin está compromissado com seu papel solicitando aos estudantes, seus “observadores” nos termos de Goffman (2014, p. 29), que levem a sério a impressão do docente sustentada perante eles.

Interações do sentido acima ocorrem nas representações do ator de seu papel/fachada. Salienta-se que os papéis geralmente são assumidos e não criados. O papel de professor

assumido por Marin foi criado séculos antes mesmo dele nascer. Evidentemente, um mesmo ator pode assumir vários papéis, em diferentes contextos. Marin, mediante seus colegas de trabalho, pode ser reconhecido além de professor, como um ser humano que tem uma vida fora da escola, portanto, como um amigo a compartilhar um mesmo espaço. Já na sala de aula, frente seus estudantes, é reconhecido como docente, como quem deve ensinar francês à plateia. A imagem 02 ilustra essas interações.

Imagem 2 - Prof. Marin em diferentes tempos, espaços e papéis



Fonte: Entre os muros da escola (2008)

Às lentes de Goffman (2014, p. 40), “ao assumir um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada *fachada* já foi estabelecida para esse papel”. Fachadas são então, estabelecidas sobre papéis sociais. O docente tem a fachada pessoal e a social, já constituídas historicamente pela sociedade há muitos anos. O que corresponde à pessoal “inclui os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e *aparência*; atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes” (GOFFMAN, 2014, p. 36).

O conceito de fachada evidencia a representação cotidiana do papel do Prof. Marin no ambiente escolar, principalmente na sala de aula, demonstrando suas potencialidades ou limites diante de seus estudantes. A relação de deferência dos estudantes para com o porte do professor é totalmente correlativa de como o docente representa sua fachada. Na próxima seção, será abordada a representação dos estudantes em sala de aula, incluindo conflitos dentro da própria turma.

### 3.2 O ALUNADO COMO EQUIPE?

Até o momento abordou-se a noção de representação no sentido de uma fachada que corresponde a todos os artifícios (expressões físicas, falas, comportamentos, performance) do indivíduo professor e que o possibilita dramatizar seu papel diante do público. Funciona de acordo com a crença dos indivíduos em determinada sociedade, e que podem variar entre uma crença sincera e cínica. Desse modo, “o objetivo de um ator é sustentar uma particular definição da situação, representando isto, por assim dizer, sua afirmação do que seja realizada” (GOFFMAN, 2014, p. 98). No que tange à equipe, Goffman (2014) tem um olhar voltado para a expressão em torno da tarefa social (e não para as expressões sociais). “A representação serve principalmente para expressar as características da tarefa que é representada e não as do ator, [...] um membro de equipe é alguém de cuja cooperação dramática um indivíduo depende para promover uma dada definição da situação” (GOFFMAN, 2014, p. 90-96).

As equipes são compostas por um ou mais atores, desde que o ator acredite em sua própria encenação. A equipe composta por um único indivíduo ocorre quando ele mantém:

[...] padrões de comportamento nos quais pessoalmente não acredita, mantendo-os por uma viva crença de que uma plateia invisível (ausente) está presente (ou pode aparecer a qualquer momento), a qual punirá os desvios desses padrões. Em outras palavras, um indivíduo pode ser sua própria plateia ou imaginar um público presente. [...] Isto poderia levar-nos a prosseguir e ver que a própria equipe é capaz de representar uma atuação para uma plateia que não esteja presente em carne e osso para assistir ao espetáculo” (GOFFMAN, 2014, p. 95).

No interior das equipes surgem microgrupos identificados como “panelinhas” que produzem conflitos dentro das próprias equipes (GOFFMAN, 2014, p. 97). Enquanto a equipe se caracteriza como um agrupamento de relações formais visando um objetivo em comum, as panelinhas são compostas por encontros não formais e visam proteger apenas seus integrantes, pessoas do mesmo nível, das que não façam parte dela. A equipe não exclui seus integrantes, mas, compartilha informações para indivíduos de outras equipes e/ou à plateia segundo suas necessidades, com o intuito de proteger segredos. Nesta perspectiva, a panelinha exclui literalmente indivíduos que não a compõe, trama diálogos egoístas, fofocas e profana desordem. Por outro lado, a equipe requer uma plateia para que percebam sua importância e desenvoltura, colocando-a na situação de observados, enquanto a panelinha não requer observadores, procurando passar por despercebidas (e assim criando lugar excepcional de poderosas fofocas).

No filme, aparecem as panelinhas principalmente no pátio e na sala de aula. Reúnem-se em pequenos grupos inúmeros estudantes durante intervalos por toda a escola. Na sala de aula existem três principais panelinhas: A primeira corresponde aos estudantes negros que sempre

sentam ao fundo. A segunda condiz aos indivíduos tagarelas que sentam-se sempre no centro da sala. No terceiro grupo têm-se os aplicados que permanecem na primeira fila. Cada panelinha possui seus julgamentos acerca das pessoas que os cercam, sejam atores, plateia e também de outras panelinhas. É comum julgarem similarmente a equipe como um todo. A imagem 03 ilustra as panelinhas existentes no filme *Entre os Muros da Escola*. Percebe-se, ao analisar o filme, segredos internos das panelinhas, como por exemplo: 1) Julgamentos em relação a Marin e a própria equipe de alunado; 2) Opiniões formadas pelos rapazes acerca das meninas (vice-versa); 3) Críticas entre as panelinhas pré-estabelecidas pela etnia dos estudantes. 4) Opiniões sobre o nível intelectual dos colegas.

Imagem 3 - Cenas do Filme Contendo Panelinhas



Fonte: *Entre os muros da escola* (2008)

Goffman (2014, p. 96) cita um exemplo de quando o indivíduo faz parte da equipe e revoga a panelinha,

Numa fábrica, aquele que se isola e que se torna um sujeito importante nem por isso deixa de fazer parte da equipe, mesmo se sua produtividade perturbar a impressão que os outros operários procuram criar do que seja um estafante dia de trabalho. Como objeto de amizade, ele pode ser cuidadosamente ignorado, mas como ameaça à definição da situação da equipe não pode ser desprezado.

Caso algum ator tenha uma conduta não apropriada diante da equipe e/ou da plateia, ele pode interromper sua representação e também abandonar a equipe. Em alguns casos pode ser convidado a retirar-se forçadamente da equipe, definitivamente ou temporariamente (GOFFMAN, 2014). O intuito é manter a ordem, disciplina e interação entre a equipe. É o caso

de estudantes que são enviados para fora da sala de aula devido sua má conduta, tendo de conversar com a diretoria ou a coordenação pedagógica. Dependendo da desenvoltura do diálogo, o estudante pode voltar para a sala após alguns minutos, ou ser enviado para casa com suspensão. No filme, o estudante Souleymane foi convidado pelo Prof. Marin a retirar-se da sala para conversar com o diretor [1h:21min:23s]. O motivo alegado por Marin foi o estudante tumultuar a sala de aula com palavrões e xingamentos para com seus colegas de classe e com o próprio professor.

Nos estudantes evidenciados pelo filme, onde existe equipe para além das panelinhas? Em que momento eles abandonam as panelinhas e compõem uma única equipe? Certamente quando se pensa em uma classe composta por 20 estudantes, como apresenta o filme em questão, acredita-se que eles por si só consistem em uma equipe. Este é um pensamento errôneo. O fato de 20 estudantes estarem sentados no mesmo tempo e espaço não quer dizer necessariamente que eles compõem uma equipe<sup>12</sup>. Neste caso, para que 20 estudantes efetivamente tornam-se equipe é necessário “um vínculo de dependência recíproca unindo os membros da mesma equipe” (GOFFMAN, 2014, p. 95). Para além, sendo também obrigatório a existência de cooperação<sup>13</sup> e interação respeitosa, por meio da ordem, entre todos os indivíduos. “Nas grandes instituições sociais, os indivíduos de uma mesma condição são reunidos, em virtude do fato de terem de cooperar para manter uma definição da situação em relação aos que estão acima e abaixo deles<sup>14</sup>” (GOFFMAN, 2014, p. 97). Salienta-se a hierarquia escolar onde o corpo docente geralmente está acima dos estudantes em níveis de conhecimento, autorizados a vigiá-los e puni-los, por vezes, quando as normas não são cumpridas.

O currículo, dentro do ambiente escolar, subdivide o interior da escola em equipes, como por exemplo: a equipe do corpo docente/coordenação escolar; a equipe de serviços gerais composta por zeladores e merendeiras; e, a mais numerosa de todas, a equipe do alunado. Os integrantes destas equipes são considerados, segundo Goffman (2014, p. 96), “companheiros de equipe que tendem a se relacionar uns com os outros por liames de dependência recíproca e recíproca familiaridade”.

---

<sup>12</sup> Esse momento é provado na realização de avaliações, onde os estudantes têm de ficar em silêncio e responder o questionário de acordo com seu pensamento, estando vetado a cooperação com demais colegas e a consulta a materiais.

<sup>13</sup> Um exemplo prático de cooperação percebido no objeto de estudo é o momento em que os estudantes defendem uns aos outros e que será estudado mais a frente.

<sup>14</sup> Contrariamente, os estudantes deixam de ser equipe quando um ou mais indivíduos cometem insultos uns aos outros.

Dentro da equipe, os indivíduos devem agir conforme os fatos e ocorrências para o bem da equipe como um todo, mantendo a ordem estabelecida, mesmo que, na pior das hipóteses, tenham que realizar atividades contra suas vontades particulares. “Os companheiros de equipe, proporcionalmente à frequência com que agem como equipe e ao número de assuntos incluídos na proteção delimitadora, tendem a ser ligados por direitos de familiaridade” (GOFFMAN, 2014, p. 96). Prof. Marin é regente da turma evidenciada no filme *Entre os Muros da Escola*, o que condiciona uma maior aproximação entre ele e os discentes<sup>15</sup>. De maneira geral e ideal, ao assistir o filme, pressupõe-se que na sala de aula professor e estudantes cooperam entre si e mantêm uma relação de interdependência. Ao assistir e reassisti-lo, durante as análises descobre-se o oposto em determinadas situações.

Quando o desrespeito decorrente da intimidade instala-se dentro de uma equipe ele interrompe a deferência prestada pelos atores (GOFFMAN, 2014), o resultado é a desordem. Aplicando esse conceito à sala de aula em estudo, a intimidade existente entre os estudantes e também para com o professor cria um ambiente propício a propagação do desrespeito e motiva conflitos, estando todos os atores sujeitados ao engano. Goffman (2014) considera infidelidade na equipe quando informações secretas são reveladas fora do contexto, levadas e trazidas entre equipes e à plateia (outra equipe ou indivíduos). No filme, os estudantes deixam de constituir uma equipe no momento em que interrompem a cooperação entre si, oportunizando as panelinhas; e também na existência de deslealdades por parte dos colegas e do próprio Prof. Marin (a ser analisado mais à frente). No filme, os alunos realizam provocações e atritos constantes, concebendo panelinhas (pequenas sub-equipes geradoras de desordem) dentro da equipe maior (sala de aula)<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> A familiaridade pode gerar desrespeito (GOFFMAN, 2014). No cotidiano da sala de aula apresentada pelo referido filme é comum a existência de gírias, palavrões e comportamentos inadequados para aquele ambiente, criado possivelmente pela intimidade entre os integrantes.

<sup>16</sup> Mesmo com todos os atritos entre as panelinhas e/ou rapazes e moças, nos momentos em que os estudantes tem oportunidades de atacar Marin, as panelinhas são dissolvidas temporariamente; todos unem-se e atacam o professor. Posterior ao ataque, cada indivíduo volta a sua panelinha.

Imagem 4 - Momento de conflito entre Souleymane e Esmeralda



Fonte: Entre os Muros da Escola (2008)

A imagem 04 revela o momento de atrito entre a amizade de Souleymane e Esmeralda, que até então entendiam-se perfeitamente. Este atrito ocorreu em uma interação face à face mas, que também poderia ocorrer “pelas costas” na forma de fofoca. Souleymane escreveu e leu apenas uma linha de sua atividade, não se esforçando como os demais integrantes da turma em escrever quinze linhas. Esmeralda, percebendo que o amigo não se esforçou, disse em tom alto que ele não sabe escrever nem ler, fazendo-o passar vergonha diante dos demais indivíduos ali presentes. Seguem suas palavras [54min:08s]:

PROF. MARIN: Por que não se esforçou como os outros? [pergunta seriamente].  
 SOULEYMANE: Não gosto de falar da minha vida, só isso! [expressa timidamente].  
 ESMERALDA: Ele não sabe escrever nem ler, é isso! [fala grosseiramente Esmeralda, desrespeitando a relação entre ambos].

Imediatamente a desordem foi instaurada na classe, Souleymane se alterou, ficou irritado, não confiando mais em Esmeralda, que até então era considerada amiga. Retrucou o xingamento chamando-a de ‘polícia’, insinuando o preconceito que os policiais franceses podem ter com relação aos negros. Disse nas entrelinhas que o comentário de Esmeralda também foi preconceituoso. Mesmo assim Esmeralda não parou [54min:39s]:

SOULEYMANE: Por que não cala a boca ô ‘polícia’! Você está falando comigo ‘polícia’? [retruca].  
 PROF. MARIN: Souleymane, não vale a pena ofender! Você é melhor no insulto oral que na escrita. [insinua Marin, que seria melhor escrever que ofender].  
 ESMERALDA: Ele não sabe nem escrever seu próprio nome! [zomba, pela segunda vez em menos de um minuto].

Esse é o momento que o alunado como (única) equipe interrompem a cooperação entre si, e sem cooperação não existe equipe. Ocorre a fragmentação da equipe. Novamente, Souleymane e os colegas negros descendentes africanos isolam-se ao fundo, enquanto Esmeralda e suas amigas isolam-se no centro da sala, deixando os considerados ‘aplicados’ na frente. É também uma divisão criada pelas diferenças interculturais e de gênero (masculino e feminino)<sup>17</sup>. O comportamento dos subgrupos (panelinhas) estende-se para além da sala de aula, segue nos corredores e pátios.

Uma equipe pode, ainda, começar a desconfiar de outra quando se dá conta que seus integrantes podem se encontrar em espaços diferentes e dizer coisas diferentes entre si. Principalmente em momentos que existem muros e barreiras de percepção onde conversas privadas podem ser realizadas, independentemente do conhecimento de todos. (GOFFMAN, 2014). Isso ocorre quando os docentes estão na sala dos professores, longe dos olhares e ouvidos dos alunos (já que estes estão no pátio, não possuindo uma sala específica). O fato de não estar na presença imediata dos alunos oportuniza à equipe docente conversar mais livremente sobre todos os estudantes, citando inclusive nomes.

O conselho de classe é considerado no ambiente escolar um local de discussões formais acerca dos estudantes. No filme, o corpo docente tem a presença de estudantes durante o conselho. Nos termos de Goffman (2014), a plateia pode fazer parte dos bastidores, e aí as revelações decorrentes entre a equipe docente para com alunado e vice-versa pode produzir desordens constantes. Durante o conselho [1h:26min:38s], Prof. Marin conversa sobre o aprendizado de cada estudante, nomeando-os. Tratando-se de Souleymane, ele exclama:

PROF. MARIN: Tem grandes lacunas, nomeadamente na expressão escrita! Acho que não há nada de extraordinariamente novo a referir nesse segundo período [exprimindo preocupação].

PROF. OLIVER: Queria acrescentar ao que Marin disse, que durante esse período ele esqueceu quase sempre o material e não faz grande coisa!

PROF. FRÉDERIC: E não é só, é muito mais que isso. Está cada vez mais abusado. Impede os outros de trabalharem!

Esmeralda, percebendo que a equipe docente criticava constantemente o amigo Souleymane tenta defendê-lo [1h:27min:43s]:

ESMERALDA: Posso dizer uma coisa, por favor? [fala em tom sério].

ESMERALDA: Bom, a verdade é que a média dele subiu de 6,75 para 7,25. [correu os olhos pelos docentes para ver se sua tentativa de defesa em prol do amigo funcionou, porém, todos os professores estavam rindo da melhora pouco significativa de Souleymane].

DIRETOR: Nesse momento não estamos discutindo a média, mas sim o comportamento. [diretor corta Esmeralda, categoricamente].

---

<sup>17</sup> Em locais onde a interculturalidade não é tão presente em um único ambiente, as panelinhas na sala de aula podem surgir pela afinidade e pelo gênero dos indivíduos.

Imagem 5 - Representantes da plateia de alunos presentes no bastidor docente (conselho de classe)



Fonte: Entre os muros da escola (2008)

Os professores tem seus portes protegidos pela definição oficial da situação da reunião de colegiado. A cena pós-conselho segue na sala de aula com Marin lecionando. Este é o momento do atrito por parte das estudantes em relação a Marin, pois Esmeralda e Louise, presentes no conselho, informaram as médias aos colegas antes de receberem os boletins, dizendo ainda para Souleymane como a equipe de professores perseguiu ele no conselho. Conseqüentemente, Souleymane questionou Marin, querendo entender o porquê dos professores desejarem se vingar contra ele. Marin tenta explicar que não se trata de vingança, mas, apenas de um aviso preventivo para que ele melhore seu comportamento. A considerada perseguição causou uma ruptura no papel de Marin (com relação à turma), o que não era esperado pelos estudantes (um professor que não entende suas dificuldades). Se no interior da equipe as panelinhas engendram problemas, mais problemático ainda é quando um integrante da equipe é desvelado como alguém que não é muito fiel a essa equipe que ele vinha prometendo até então (GOFFMAN, 2014).

Marin realizou, diante das estudantes presentes no conselho de classe, um gesto involuntário que “desacredita sua própria representação” (GOFFMAN, 2014, p. 226), assim como a representação de toda a equipe de professores. Considera-se que, diante de Esmeralda e Louise, no conselho, os professores não foram prudentes e circunspectos ao falarem abertamente dos defeitos dos alunos. Essa atitude levou os alunos a uma interpretação renovada (e mais problemática) dos professores.

### 3.3 MANTENDO O CONTROLE EXPRESSIVO NA SALA DE AULA

O controle expressivo é baseado em cuidados com o comportamento, maneiras e aparências dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, “o ator deve agir com expressiva responsabilidade, visto que muitas ações insignificantes e inadvertidas podem, às vezes, transmitir impressões inapropriadas ao momento” (GOFFMAN, 2014, p. 225), comprometendo a ordem da interação. As intenções de Marin procuram oportunizar conhecimentos aos estudantes. No entanto, o docente comete durante suas aulas gestos involuntários incompreendidos pelo alunado. Seus movimentos, relacionados ao flexível<sup>18</sup>, emprestam um significado embaraçoso, ante os olhares dos estudantes.

Utilizou-se os conceitos de Bourdieu (2012) para explorar o comportamento do ator principal do filme referente ao sistema de pensamentos que opõe o feminino ao masculino nas mais diversas formas de se viver em sociedade. Trata-se de um homem: Marin! Deve apresentar aspectos de masculinidade, segundo pensamento dominante da sociedade apresentada no filme. A representação supõe aspectos como a rigidez (observadas em militares), a ocupação de maior espaço, ‘estar em cima de’, ser um indivíduo viril, provedor e dominante. A feminilidade, por sua vez, compõe-se de leveza e delicadeza, na tradução natural de “inclinarse, abaixarse, curvar-se, e de se submeter [...], nas posturas curvas e flexíveis” (BOURDIEU, 2012, p. 38). A imagem 06 ilustra comportamentos e performances flexíveis, que desencadeou grandes especulações, fofocas e desordens cometidas contra Marin em sala de aula. Aos olhos dos estudantes, Marin não é apenas um professor, mas também um homem. Seus gestos flexíveis não correspondem a atitudes rígidas masculinas, abrindo espaço para questionamentos referentes a sua suposta homossexualidade. Evidencia-se o caminhar do Marin, por meio de uma calça relativamente justa, onde se percebe um sutil rebolado. Também, em outro momento que Marin aparece com a mão para baixo, descrito como posturas flexíveis. Por fim, Marin utiliza a mão direita para mexer os dedos da mão esquerda, remetendo-o a maneiras femininas.

---

<sup>18</sup> Conceito descrito por Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina*. Trata-se de gestos mais afeminados, não correspondentes à imagem de homem viril.

Imagem 6 - Marin e suas aparências



Fonte: Entre os muros da escola (2008)

Tais representações são transmitidas ao docente quando Souleymane pergunta diretamente, durante a aula de francês, [20min:39s] se o professor é homossexual:

SOULEYMANE: Vai pegar mal pro senhor. [expressa o estudante aos risos].

PROF. MARIN: Pergunte e pronto. Ande! [expressando curiosidade].

SOULEYMANE: Dá sua palavra?

PROF. MARIN: Ande Logo!

SOULEYMANE: Sei lá... o pessoal diz... Não fui eu que disse, ouvi dizer... Que o senhor gosta de homem... [a turma toda começa a rir em voz alta. Marin fica desconcertado com a pergunta. E Souleymane afirma ainda várias vezes que não foi ele quem disse, mas que foram pessoas na escola].

Entra em questão o que torna o professor crível e factível diante dos estudantes. Não basta apenas ser professor, para eles, é preciso ser homem, viril, sem traços afeminados. Seus gestos considerados ‘diferentes’ criam uma ruptura na interação, embora, do ponto de vista profissional, se o professor é homem, mulher ou qualquer outro gênero de indivíduo, nada poderia comprometer a qualidade do seu trabalho. No cotidiano desta sala de aula, é mais do que ser professor, é ser homem que asseguraria seu papel ideal, garantido pela rigidez masculina. Nesse sentido, Marin é colocado em questão, tendo como parâmetro a sexualidade, em que os traços masculinos deveriam se sobressair aos femininos, segundo o ponto de vista de Souleymane.

Pode-se dizer que Marin, no cotidiano escolar, não estava preocupado com suas aparências e maneiras sexuais, mas a demonstração de gestos mínimos interpretados pelos seus alunos como femininos colocou-o em uma situação de tensão. Bourdieu (2012, p. 64) afirma

que “a virilidade entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social [...] é, acima de tudo, uma carga”. Ou seja, mesmo maiormente privilegiados na relação dos sexos, os homens também sofrem preconceitos de seu papel social, quando eles demonstram gestos considerados femininos. Marchi; Santos (2017, p. 58), complementam: “fazer-se homem implica num trabalho ininterrupto de construção de si ante dos outros e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino”, evidenciando a virilidade do homem e a necessidade de demonstrá-la a todo instante. “Enquanto ser dominante, os homens estão sujeitos a tensões e contenções permanentes e que são por vezes levadas a extremos no processo que impõe a todos o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” (MARCHI; SANTOS, 2017, p. 59).

A perda da masculinidade ocasiona impressões incompatíveis aos padrões de ‘homem’ adotados de maneira geral, produzindo rupturas na forma de choques, raiva, risos, desordem etc. na plateia. No caso de Marin, o ocorrido não passou de um mal-entendido por força do docente demonstrar, em certa medida, traços considerados ‘femininos’ pelos estudantes. A consequência foi a aula de francês, que estava sendo lecionada, se desorganizar. Um contratempo que tomou minutos da aula devido às especulações do alunado, isto pois, “a impressão de uma realidade criada por uma representação é uma coisa delicada, frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratempos” (GOFFMAN, 2016, p. 78).

Porém, questões em torno da sexualidade de Marin não são tecnicamente legítimas para julgá-lo como bom ou mal professor. Posterior ao questionamento dos estudantes, Marin parece ter tomado mais cautela quanto às “expressões que possam desacreditar a impressão que está sendo alimentada” e passou a “tomar cuidado para evitar que a plateia atribua significados não premeditados” (GOFFMAN, 2014, p. 79). Com o tempo, este assunto passou a não ser mais lembrado e o docente continuou com suas incumbências cotidianas, procurando manter o controle expressivo em sala. Goffman (2014, p. 63) descreve estes ocorridos como representação falsa, isto é, algo que parece ser o que não é.

O ator pode confiar em que a plateia aceite pequenos indícios como sinal de algo importante a respeito de sua atuação. Este fato conveniente tem uma implicação inconveniente. Em virtude da mesma tendência a aceitar os sinais, a plateia pode não compreender o sentido que um indício devia transmitir, ou **emprestar um significado embaraçoso a gestos ou acontecimentos acidentais, inadvertidos ou ocasionais, aos quais o ator não pretendia dar qualquer significação.** [grifo nosso]

Para a manutenção deste controle é necessário que o ator (professor) assuma um papel de responsabilidade frente à plateia (estudantes). Enquanto representa-o, ele toma providências para que as impressões produzidas por ele ocorram mediante padrões aceitáveis pela plateia.

São necessários cuidados e preparações para que a representação realizada não pareça falsa, gerando perda de confiança do “espetáculo” (GOFFMAN, 2014). Marin se coloca em outra situação embaraçosa quando chuta uma cadeira<sup>19</sup> da sala após ser zombado pela estudante Khoumba, embora, na ocasião, nenhum estudante ou colega de trabalho tenha visto tal ato [40min:32s]. A Imagem 07 ilustra esse momento.

Toda discrepância percebida na representação, por mais insignificante que seja, gera sentimentos negativos na plateia, grupos e/ou subgrupos, até mesmo na panelinha. Por isso, existe a necessidade do ator em ser também sua própria plateia, auto avaliando-se e neutralizando as falhas que consiga perceber. Qualquer discrepância, por menor que seja, pode ocasionar dificuldades na manutenção do controle; é quando o ator deixa de ter ‘moral’ frente à plateia. De modo geral, percebe-se tais momentos quando membros da plateia (não somente do filme aqui analisado) comentam espontaneamente: ‘estou chocado’, ‘isso me perturba’ ou ainda ‘deplorável’ (GOFFMAN, 2014).

Imagem 7 - Marin Chutando a Cadeira



Fonte: Entre os muros da escola (2008)

“Uma só nota em falso pode quebrar a harmonia da representação inteira” (GOFFMAN, 2014, p. 64)”, em outras palavras, desorganizar o ambiente. Na sociedade brasileira este acontecimento também é conhecido como ‘sentar os pés pelas mãos’. Diz-se geralmente que

<sup>19</sup> O momento em que Marin chuta a cadeira não é mostrado diretamente pela câmera, porém ao assistir o filme ouviu-se os pés do ator chutando fortemente a cadeira e ela caindo no chão bruscamente.

errar é humano, porém, deve-se ter consciência que os erros custam muito caro à representação. Chutar uma cadeira, gritar, bater com a mão na mesa, chamar palavrões dentro da sala e no momento da aula, principalmente quando forem repetidas vezes durante o ano letivo, reproduz uma situação divergente do papel moral de professor. Quando um docente chega a esse ponto ele já ultrapassou os limites da ordem.

No cotidiano escolar, muitos gestos ocorrem involuntariamente, mas nem por isso eles são justificáveis. No filme, pode-se perceber Marin em condições mais formais de ensino no primeiro dia de aula, vestindo uma roupa social, talvez, ‘causando uma boa primeira impressão’. No decorrer do tempo, Marin deixa transparecer muitos atos involuntários (não vir mais de roupa social; agir diferentemente do primeiro dia de aula, sem muitos formalismos; criar uma aproximação informal maior com os estudantes; transmitir por meio de sua performance aparências e maneiras que remetem ao feminino). Estes ocasionam uma ruptura na interação entre docente e discentes na sala de aula, local onde os estudantes não esperavam novas atitudes e posturas diferentes das iniciais.

Percebe-se que a nota em falso ou ruptura realizada por Marin foram evidenciadas, (apresentadas na imagem 07), seguidas de expressões corporais. A fachada do ator no momento de sua representação é a mais perceptível aos olhares dos estudantes que, a todo instante, analisam o professor enquanto leciona. Caberia ao docente evitar aproximações consideradas informais? No cotidiano professor-aluno, a comunicação imparcial corresponde a esse tipo de relação. Caso ocorra uma aproximação diferenciada entre estes indivíduos, poderá haver uma ruptura na relação, ocasionando situações que estão além do que se espera na relação profissional entre docente e discente, como por exemplo os questionamentos referentes a homossexualidade de Marin, não oportunos para a sala de aula. Como afirma Goffman (2014, p. 81) em seu exemplo, “a familiaridade entre indivíduos gera desrespeito”.

Uma noite o Rei Haakon falou-me de suas dificuldades em face das tendências republicanas da oposição e conseqüentemente de quanto precisava ser cuidadoso em tudo que fazia e dizia. Pretendia, disse-me, andar tanto quanto possível no meio do povo e pensava que seria uma coisa popular se, em vez de andar de automóvel, ele a rainha Maud viajassem de bonde elétrico. Disse-lhe francamente que achava isso um grande erro, pois a familiaridade gera o desrespeito [...]. Isto evidentemente destinava-se a impedir qualquer familiaridade com os oficiais. [...]. O povo não gostaria de um rei com quem pudesse fazer íntima camaradagem, mas algo nebuloso como um Oráculo de Delfos. [...]. Ficaria, portanto, desapontado se o vissem andando na rua, como um homem qualquer.

Diante do exposto, ‘aparências de homossexualidade’ (diante da classe) e ‘chute da cadeira’ (diante de si), são rupturas no ato de manter o controle expressivo, que desorganizam a interação pedagógica. Marin performa algo que não faz parte de um comum consenso/acordo

entre ele mesmo e os alunos que compõem a sala de aula. Nesse sentido, os estudantes daquela sala estão dispostos a dizer para Marin como ele deve agir. Este fato demonstra o difícil trabalho do professor em tentar conduzir, por meio de suas expressões, compostas por aparências e maneiras, o cotidiano da classe, para que as duas subequipes tornem-se uma única equipe e caminhem juntas.

#### 4 A SALA DOS PROFESSORES COMO BASTIDOR

Para os docentes, a sala de aula “é uma espécie de teatro, o professor desempenha diversos papéis, muitas vezes de maneira exagerada: o papel de um homem sábio, tolo, sedutor, confortador, treinador, confessor, etc. De fato, não há nada natural sobre ensinar” (PARINI, 2007, p. 22). O ato de ensinar é social, dependente principalmente das ações e emoções humanas.

Enquanto se ensina também se aprende. Um docente que preze pelo seu título sempre pode procurar fazer melhor na próxima vez em que entra na sala de aula. Para Parini (2007, p. 21) “toda pessoa possui alguma coisa que valha a pena oferecer aos outros, e que nenhum prejuízo pode lhe trazer se declararmos isso a elas”. Antes de entrar em sala de aula são necessárias reflexões de como o docente deve se apresentar, qual a melhor maneira de encenar sua fachada. “Um professor iniciante terá de experimentar um sem-número de máscaras antes de encontrar a que se adapte a ele, que pareça apropriada, que funcione para organizar e incorporar uma voz de quem ensina” (PARINI, 2007, p. 81).

As inúmeras fachadas e representações que podem ser desempenhadas pelo docente ficam armazenadas em sua mente, uma espécie de armário que permite escolher e experimentar algo que lhe caiba bem. “Há milhares de eus em cada ser humano” (PARINI, 2007, p. 81). Dependendo da interação em que o indivíduo está localizado (sala dos professores, sala de aula, conselho de classe etc.) eles alteram-se, fragmentam-se ou reúnem-se inúmeras vezes por dia. “Esta é a realidade da identidade do eu de todos nós” (PARINI, 2007, p. 81).

Cabe aos docentes instruir os jovens. Para isso, experimentam suas inúmeras máscaras na tentativa de se comunicar, de desempenhar um *eu* durante a interação face a face. Docente Marin também utiliza-se dessas inúmeras fachadas (máscaras) no filme, não somente em sala de aula, mas também nos diversos ambientes da escola, como no pátio, cantina, corredores e na sala dos professores.

Esse capítulo aborda questões principalmente não percebidas pelos estudantes. Trata-se das interações que não ocorrem face a face. Diálogos realizados na ausência dos alunos são oportunos para expressar desabafos, logo “há muitas poucas relações de amizade nas quais não exista alguma ocasião em que as atitudes expressas sobre o amigo, na sua ausência, são grosseiramente incompatíveis com as expressas na presença dele” (GOFFMAN, 2014, p. 187).

A sala dos professores, como um bastidor, possibilita diversos comportamentos possíveis quando os docentes não estão sendo vistos pelos estudantes. É o caráter também

íntimo da escola se apresentando. É o local onde a questão da imagem se relaxa, se torna mais flexível, múltipla, moderna, e humana por meio de diálogos informais.

Voltamos, agora, ao início do filme analisando os docentes em meio aos estudantes. O professor tem o seu próprio espaço de desordem sentimental e psicológica, não afetando e atrapalhando a ordem dentro da própria escola? Como um bastidor, a sala dos professores seria um espaço delimitado de tramitação de algumas desordens? São estas questões que tentaremos responder ao longo dos próximos itens.

#### 4.1 A COMUNICAÇÃO INAPROPRIADA SOBRE OS ALUNOS

A comunicação imprópria ocorre “entre as muitas formas de comunicação nas quais o ator se empenha, e que transmitem informações incompatíveis com a impressão oficialmente mantida durante a interação” (GOFFMAN, 2014, p. 186). Algumas ações dos docentes que parecem insignificantes “e inadvertidas, transmitem impressões inapropriadas ao momento” (GOFFMAN, 2014, p. 225). Tais impressões criam conflitos escolares. No filme, a sala de aula demonstra três principais momentos de comunicação imprópria dos docentes para com os estudantes: 1) No primeiro dia de trabalho os docentes ficam olhando os diários e comentado quais estudantes são mais estudiosos e/ou bagunceiros; 2) Quando Prof. Vincent entra na sala de aula descontrolado, xingando os estudantes; 3) Quando Prof. Marin chama Esmeralda e Louise de “vagabundas”, por força do comportamento que tiveram no conselho de classe.

Em interações face a face, o ator precisa expor um tratamento obsequioso à plateia, mantendo constantemente o respeito de si mesmo e do próximo. “Na presença da plateia os atores tendem a usar formas delicadas para se dirigirem a ela, [...] o tratamento respeitoso é necessário para assegurar a continuidade da interação em paz e ordem” (GOFFMAN, 2014, p. 188-191). Os atores, quando presentes em seus bastidores, têm maiores liberdades para a detração secreta da plateia, sendo mais comum a troca de elogios entre si mesmos, “porque serve para manter a solidariedade da equipe, demonstrando mútua consideração às custas dos ausentes [...]”. “A degradação da plateia nos bastidores serve para manter a moral da equipe de atores” (GOFFMAN, 2014, p. 187-191).

A imagem 08 mostra o momento em que os docentes recebem os diários de classe do diretor na sala dos professores, no início do ano letivo [03min:47s]. Imediatamente, os docentes veteranos correm os olhos na lista de chamada, identificando os alunos mais conhecidos, seja por seus aspectos intelectuais ou comportamentais. Prof. Marin identifica o oitavo ano em sua disciplina e compreende desde cedo que não será um ano fácil. Os docentes mais experientes

ficam olhando, também, os diários dos professores calouros (que lecionam no Liceu pela primeira vez), identificando os estudantes por nomes e apontando quais são insatisfatórios ou bons. Por alguns minutos, a sala se agita. Seguem alguns comentários:

PROF. OLIVER: Bem comportado! Bem comportado! Mal comportado! Muito mal comportado! Este é bem comportado, este não, fique atento, é muito mal comportado! Bem comportado! Mal comportado! Esta não é mesmo nada bem comportada! [Prof. Oliver estava ao lado do Prof. Frédéric que tinha uma lista de presença nas mãos. Prof. Oliver, ao falar, apontava com seu dedo para esta lista. As expressões faciais de Oliver foram ficando cada vez piores até o final de sua fala].

Imagem 8 - Professores discutindo a reputação dos estudantes



Fonte: Entre os muros da escola (2008)

Estas interações na sala dos professores, a portas fechadas, longe da vista dos alunos, não criam nenhuma ruptura na interação, apesar dos julgamentos dos docentes. Para ocorrer desordem e rupturas, é necessário que algum membro da equipe dos atores cometesse alguma impropriedade ao revelar, para os estudantes, os diálogos ocorridos na entrega dos diários de classe. De outro modo ainda, a desordem provavelmente se instalaria caso algum membro da plateia estivesse presente no momento em que os docentes analisam as listas de chamadas.

Os segredos, reservados ao bastidor da sala dos professores, são possíveis porque os docentes estão separados dos estudantes. No filme, esta sala é identificada com janelas e uma porta. Durante a interação, torna-se mais possível manter diálogos abertos, francos e informais contando que a porta se encontra fechada com relação a plateia, separando este espaço de outros da escola. Desse modo, a plateia não tem ainda menos acesso ao bastidor docente. A porta cria isolamento, já que “para o homem é essencial, ao mais profundo dar-se limites, mas livremente, quer dizer de maneira que possa vir a suprir tais limites e se colocar fora deles” (SIMMEL,

1996, p. 12), limites necessários para que a interação social aconteça sem provocar desordem nos demais espaços da escola.

Adiante no filme [26min:39s], é o momento em que Prof. Vincent perde o controle, criando uma comunicação imprópria sobre os estudantes, ainda que seu descontrole seja restrito à sala dos professores, ilustrada na imagem 09. “Certamente, quando a plateia está ausente, uma crítica franca e violenta pode ocorrer, e realmente ocorre” (GOFFMAN, 2014, p. 103). Vincent entra rapidamente na sala, esbarando abruptamente em Prof. Frédéric, que estava tirando cópias junto à impressora. Ele joga fortemente sua mochila em cima da mesa causando um enorme estrondo<sup>20</sup>. Depois, senta e grita:

PROF. VINCENT: Estou cansado desses palhaços! Cansado! Não consigo nem olhar para eles! Não são ninguém, não sabem nada, parece que olham através de nós quando tentamos ensiná-los. Então que continuem como estão! Não sou eu quem vai correr atrás! São tão básicos, de uma má fé, sempre tirando sarros. Então tá, rapaziada. Fiquem lá no seu bairro imundo. Vão morrer por lá e é bem feito. Vou ter uma reunião com o diretor e vou dizer que não volto a dar aulas ao oitavo ano. Não vão ter aulas de informática até o fim do ano. Pior pra eles. [suas expressões eram de raiva, pavor, desespero e pânico]. Já se passaram 3 meses e não fizeram rigorosamente nada. [avalia].

Referindo-se aos estudantes como “palhaços”, Vincent apelida-os grosseiramente e, assim “a plateia pode ser chamada, em sua ausência, por um termo coletivo, combinando distância e depreciação” (GOFFMAN, 2011, p. 189). O ator afasta-se da plateia, expressando claramente que não quer mais estar diante dela em momento algum. Mantendo o espírito de equipe, os docentes não contrariam uns aos outros. Podem assim “dar-se as mãos” e seguirem juntos (já que todos estão na mesma escola e vivenciando a mesma difícil situação). Enquanto Vincent desabafava, todos ficaram olhando sem espanto e sem interrompe-lo, concordando talvez com sua irritação. Seria esta uma atitude visível em outras escolas de periferia de Paris<sup>21</sup>? Prossegue em suas falas, prof. Vincent:

PROF. VINCENT: Já olharam para eles quando estão no recreio? Parece que estão no cio! Sempre em cima uns dos outros, parecem animais! É uma loucura. E fazem o mesmo na sala. O Kevin passou uma hora inteira nisso... [Vincent torceu a boca para a direita e gritava bem alto aínhé, aínhé, aínhé! (esta parte está visível na imagem 09)]. Nunca vi uma coisa assim em cinco anos de ensino! Basta! [dizendo com a mão na testa].

<sup>20</sup> Devido a limitação do filme ter as cenas filmadas muito próximas aos rostos dos atores não foi possível visualizar nas cenas a mochila sendo jogada na mesa nem o momento em que ela colide com a madeira, porém ouviu-se claramente grande impacto.

<sup>21</sup> Prova-se neste ponto que apesar da escola em análise encontrar-se na França, região grosso modo desenvolvida, tem-se inúmeros problemas cotidianos, sendo muitos deles observados também no Brasil.

Imagem 9 - Momento em que Prof. Vincent desabafa na sala dos professores



Fonte: Entre os muros da escola (2008)

Espera-se que o membro de uma equipe, em condições de stress, como Prof. Vincent, peça desculpas aos demais membros da equipe após a encenação de desabafo e desordem docente. Sucede-se assim [28min:02s]:

PROF. VINCENT: Desculpem. Eu... que tristeza. [expressa ele, tentando se recompor]

Durante a interação, espera-se que o ator se comporte conforme as exigências de seu papel. Prof. Vincent, no momento do desabafo, não estava comportando-se de acordo com a definição alimentada pelo papel de professor. Seguro em seu bastidor, diante da equipe ao qual faz parte (de professores), teve uma oportunidade tranquila de “estourar”, e ao retornar para a sala de aula, já recomposto, evitou que a plateia (estudantes) visse e compreendesse sua atitude incompatível à representação atribuída a ele profissionalmente. A ausência da plateia nos bastidores fez Vincent não sofrer ruptura com o público de alunos.

Marin não teve a mesma sorte. Durante o conselho de classe é permitido a presença de até dois estudantes. Na turma do oitavo ano, Esmeralda e Louise foram eleitas representantes de turma pela própria classe. A imagem 10 ilustra o conselho. Percebe-se que elas passam a maior parte do tempo rindo, fazendo barulho, comendo biscoito, murmurando. “Murmurar é considerado impróprio, porque destrói a impressão de que o indivíduo é somente aquilo que

aparenta, e de que as coisas são o que ele diz que são” (GOFFMAN, 2014, p. 193). Mesmo assim, as estudantes representam a classe do oitavo ano durante o conselho. Representam também uma parcela da desordem do alunado no cotidiano escolar, expressas pelas maneiras e aparências impróprias de comportamentos. Esmeralda chega a sair da sala em determinado instante devido a um ataque de riso. Certamente, não é o comportamento esperado diante do conselho de classe.

Imagem 10 - Comportamentos de Esmeralda e Louise durante o conselho de classe



Fonte: Entre os Muros da Escola (2008)

Na visão de Goffman (2014, p. 81): se “a equipe quiser manter a impressão que está causando deve, então, estar segura de que nenhum indivíduo terá permissão para pertencer, ao mesmo tempo, a ela e a plateia”. Os atores (professores) oportunizaram à plateia (Esmeralda e Louise) o acesso ao seu bastidor, assim como às suas fraquezas e aos diálogos sobre os demais estudantes, geralmente reservados apenas aos ouvidos dos próprios professores. Palavras de Marin durante o conselho [1h:29min:39s]:

PROF. MARIN: O melhor seria dizer que Souleymane já passou dos limites, porque do ponto de vista escolar é limitado. [em tom disciplinar].

Prof. Marin passou o ano letivo tentando projetar uma boa impressão do seu *eu* aos estudantes, procurando definir as melhores situações e interações possíveis. Ao final do ano letivo, sobre o comportamento de Esmeralda e Louise durante o conselho de classe, [1h:34min:25s] insultou duas estudantes em sala de aula, contradizendo toda a definição de sua

fachada até o momento, lançando dúvidas sobre sua dignidade docente aos olhos dos estudantes. Seguem suas palavras [1h:34min:00s]:

PROF. MARIN: Quando vi vocês (Esmeralda e Louise) aos risinhos no conselho, senti vergonha por vocês. Não era hora nem lugar para fazerem aquilo. Não me pareceu muito sério! [fala seriamente].

ESMERALDA: Ninguém mais se incomodou. [com expressões vazias].

PROF. MARIN: Está enganada! [retruca imediatamente Marin].

ESMERALDA: Só você se incomodou. [aos risos].

PROF. MARIN: Não, me incomodou e incomodou aos outros também. [apontado o dedo para Esmeralda].

ESMERALDA: Não, Não... só você se incomodou. [balançava a cabeça negativamente ao falar].

PROF. MARIN: Desculpem, mas ao rirem daquele jeito pareciam duas vagabundas. [fala seriamente, ainda tentando convencer as alunas de que ele tinha razão].

Percebendo o palavrão que havia falado, Marin tenta se defender afirmando que apenas nos minutos do conselho elas pareceram duas vagabundas, e não na escola ou na particularidade da vida pessoal. Entre atores e plateia, “quando fatos perturbadores ocorrem, a própria interação sofre uma interrupção confusa e embaraçosa. Algumas das suposições sobre as quais se baseavam as interações dos participantes tornam-se insustentáveis” (GOFFMAN, 2014, p. 24). Diante do palavrão, a imagem docente preocupada com seus estudantes não pode mais ser sustentada. Faltam formalidades. O déficit de respeito impossibilita as comunicações, transmissões e assimilações de conhecimentos considerados científicos, oportunos para o palco da sala de aula. Marin não conseguiu manter a ordem cerimonial da interação, pois percebeu ao longo do ano que está sendo tratado de forma mais impessoal e sem cerimônia do que ele considera apropriado e sente que seu tratamento deveria ser mais pontuado com atos de deferência vindo dos estudantes.

#### 4.2 O TRATAMENTO DADO AOS ALUNOS AUSENTES

Goffman (2014) distingue dois tipos de região, a primeira delas é o palco, local onde desenrola-se a performance dos atores, já abordado no capítulo 3. A segunda trata-se do bastidor, também já citada nessa pesquisa, podendo ser uma sala de professores. Nela, os professores podem ficar à vontade, descontraírem-se, sem se preocuparem em cumprir todos os protocolos que são exigidos enquanto estão na sala de aula. A sala dos professores criou um espaço de ausentes (alunos), permitindo aos docentes modos de comportamento distintos aos esperados de seu papel. As conversas de bastidor têm geralmente a função de produzir ordem na interação dos atores, uma coesão no grupo, fortalece-lo, uma vez que ele reconhece a plateia como algo que deve ser ‘enfrentado’ conjuntamente, com o apoio dos que compartilham este

*backstage*. Para Nizet e Rigaux (2016 p. 43), “bastidores é o espaço onde os atores podem contradizer a impressão dada durante a representação” no palco. Essa seção aborda duas principais linhas de acontecimentos observáveis nesse bastidor: 1) Julgamentos; 2) Comportamentos. Ambas correspondem ao tratamento dos alunos ausentes.

Goffman (2001, p. 158) nos diz que “quando os membros de uma equipe vão para os bastidores, onde a plateia não pode vê-los nem os ouvir, geralmente depreciam-na de uma forma incompatível com o tratamento que lhe é dispensado frente a frente”. Nesse sentido, conforme o item 4.1, nos minutos iniciais do filme [3min:47s], a análise permitiu detectar o primeiro julgamento acerca dos estudantes. Os docentes apontam o dedo para a lista de presença, julgando os alunos como aplicados ou bagunceiros. A imagem 08 ilustra esse momento. O segundo julgamento, agora específico do Prof. Vincent, é ilustrado pela imagem 09, e ocorre quando ele entra na sala dos professores [26min:39s], xingando aos gritos o oitavo ano. Junto à comunicação imprópria acerca dos alunos, ele também os chama de “palhaços”, dizendo que eles “não sabem nada”, “que estão no cio”.

O terceiro e último julgamento observado no filme se sucede na sala de reuniões [1h:23min:32s] durante o conselho de classe, também mencionado na seção anterior, ilustrado pela imagem 10, atribuindo notas e descrevendo os comportamentos dos alunos dentro do pátio da escola, nos corredores e principalmente na sala de aula. Julgamentos desse sentido ajudam a manter o equilíbrio entre os atores no bastidor. Apesar de Esmeralda e Louise estarem participando desse conselho em nome dos demais alunos, como representantes de turma, os docentes não se importaram com a presença delas e comentam abertamente sobre o desempenho de todos os estudantes, criticando ou elogiando-os. O resultado foi a infidelidade das estudantes para com o docente já descrita na seção 3.2, ilustrada pela imagem 05. Se estivessem com os alunos, em uma interação face a face, possivelmente, os professores não teriam sido “juízes” na mesma intensidade.

No entanto, Marin sempre foi um excelente observador. Ao final do ano letivo [1h:47min:20s], chegou à conclusão que existe “uma estranha cadeia de acontecimentos” na escola. Os estudantes mais bagunceiros, segundo ele, são punidos em uma constante que os leva ao conselho disciplinar e posteriormente à expulsão da escola, como foi o caso de Souleymane e também de mais doze estudantes no ano anterior.

PROF. MARIN: Se rebobinar o filme é uma estranha cadeia de acontecimentos: começa com algumas represálias, porque Souleymane se esquece do material e porque responde torto. A seguir começamos a castigá-lo. E depois, de castigo em castigo, chegamos ao conselho disciplinar, que sabemos como vai terminar. [expressa em tom preocupado, parecendo decepcionado com o sistema escolar]. Perdemos o controle! [comenta com expressões tristes].

Enquanto Marin falava, os demais professores ouviam-no atentamente. Juntos, perceberam que castigos constantes não dão resultados positivos e que os alunos mais castigados, sempre terminam da pior maneira possível: no conselho disciplinar e posteriormente expulsos da escola. Como Souleymane e a maioria dos estudantes do oitavo ano pertencem a culturas não francesa, é necessário além do ensino pensar na inclusão dos jovens estrangeiros.

Dispondo de bastidor, dispõe-se também de poder. Nesses momentos, os atores têm condições situacionais no espaço para agir de acordo com suas liberdades. A liberdade cria a oportunidade de falar o que se quer dizer, porém oprime quando não se consegue juntar o mundo do bastidor e da privacidade com o mundo do palco e da fachada. Quando tais situações se oprimem e opõe, a identidade dos indivíduos envolvidos entra em questão<sup>22</sup>. Nesse sentido, o bastidor segrega a plateia, permitindo em um intervalo de tempo organizar outras maneiras de viver em sociedade. A sala dos professores e o conselho de classe (re)criam esses pensamentos o tempo todo. Nesse sentido, os bastidores são acompanhados de relação e condição de poder.

De um ponto de vista microssocial “a escola tende a constituir minúsculos observatórios sociais para penetrar em todos os indivíduos e exercer sobre eles um controle regular” (FOUCAULT, 2014, p. 204). Em algumas instituições de ensino, como a apresentada no filme, a sala dos professores é estrategicamente posicionada em locais onde os docentes, coordenadores e diretores tem total visão do pátio da escola e de todos os estudantes enquanto estão no intervalo, ainda que os estudantes não consigam observar os professores (devido ao vidro da janela não permitir olhar de fora para dentro). Enquanto professores observam os estudantes, eles podem exercer seu poder, inserindo as expressões dos alunos em uma máquina homogeneizadora de ritos, regras e normas.

Goffman (2015) analisa interações também em hospitais psiquiátricos, percebendo que doentes mentais dificilmente acessam bastidores. Estes doentes são observados o tempo todo pela equipe dirigente. Em uma escola, os estudantes vivem situações semelhantes, eles não possuem uma sala específica para ficarem imersos no bastidor do alunado igualmente como os docentes na sala dos professores. Precisam ficar o tempo todo no pátio ou corredores onde podem ser observados, principalmente quando as portas das salas de aula são trancadas no horário do intervalo. Muitas escolas têm ainda câmeras no pátio, corredores e até mesmo na sala de aula. Estas câmeras podem servir como meios para observar os alunos. Como no hospital

---

<sup>22</sup> O exemplo mais prático posto no cotidiano é a Rede Social Facebook. Ela possibilita que os estudantes tenham acesso a vida privada dos docentes, conhecendo o que seu professor faz nas horas vagas, finais de semana e quando está de férias. Nos termos de Goffman, a rede social trouxe elementos do bastidor do indivíduo para sua fachada de professor, produzindo implicações dramáticas no palco (sala de aula). (SANTOS, 2017).

de doentes mentais, um dos poucos lugares de bastidor que a escola disponibiliza ao alunado é o banheiro, ainda que por poucos minutos. O hospital psiquiátrico e a escola são espaços onde se pode estudar o poder sendo exercido. A disciplina faz o doente mental sofrer efeitos externos (na forma de ordens como “abra a boca”, “vamos à vacina”, “coma” etc. contrariando geralmente suas vontades. Na escola, a disciplina também pode contrariar a vontade de muitos estudantes, obrigando-os a organizarem-se em filas, cumprindo horários, dando conta de uma demanda de disciplinas que não gostam, cumprindo ordens em geral. Ilustramos isso nas imagens a seguir.

Imagem 11 - Estudantes atendendo ordens



Fonte: Entre os muros da escola (2008)

A sala dos professores, como dito, condiciona liberdade aos professores. No filme, cinco principais momentos apontam para estas liberdades de maneiras e aparências: 1) A primeira situação ocorre na metade da manhã do primeiro dia de aula [08min:09s], durante o intervalo. Profa. Yvette passeia pela sala oferecendo biscoitos aos professores. Olhando para Marin, ela pergunta:

PROF. YVETTE: Um biscoito para o primeiro dia? [pergunta, alegremente. Mesmo assim Marin nega o biscoito balançando a cabeça].

PROF. YVETTE: Rachel, um biscoito, vai te fazer bem. [pergunta novamente no mesmo tom alegre. E Rachel aceita o biscoito].

A imagem 12 ilustra este momento. Esta atitude dificilmente seria aceita na sala de aula, com os estudantes oferecendo biscoitos entre si, tendo em vista que escolas geralmente proíbem o consumo de alimentos em sala. Na segunda ocorrência [42min:18s] descortina-se a reunião ‘pedagógica’ dos professores.

DIRETOR: Há duas semanas, durante a última reunião da comissão permanente, os professores sugeriram a introdução de um sistema de penalização por pontos para os alunos baseado no sistema de carteira de habilitação. [comenta tranquilamente].

Segundo o diretor, a intenção é que cada aluno inicie o ano letivo com determinado número de pontos, sendo removidos pela instituição em função de suas infrações. No momento em que estes pontos são zerados, o estudante é enviado ao conselho disciplinar. Divididos, alguns docentes apoiaram a ideia enquanto outros rejeitaram-na diante da realidade injusta de que os bons estudantes não seriam premiados. A mãe de um estudante presente na reunião como representante da comissão dos pais protesta [43min:05s]:

MÃE: Isso é típico da linha de orientação da escola, estão sempre prontos a penalizar, mas nunca a valorizar os alunos. [exterioriza suas angústias em tons tristes].

PROF. CÉCILE: Por que não levamos o sistema mais longe, atribuindo pontos a quem faz as coisas bem? [defende a docente].

Adicionar pontos cria um problema, uma vez que um estudante pode acumular pontos excessivos no início do ano deixando, como diz a Coordenadora pedagógica [43min:56s]:

COORD. PEDAGÓGICA: “uma margem enorme para fazer todo tipo de dispartes, e depois não vamos conseguir controlá-los” [comenta preocupada com o futuro das punições].

Entende-se por esse novo sistema de pontos, sugerido pelos próprios docentes, a possibilidade de renovar seus instrumentos de controle e punição em vista do significativo aumento de problemas na escola. Prof. Marin se manifesta contrário às punições muito rígidas.

PROF. MARIN: Quando temos que lidar com castigos demasiado rígidos não podemos aplica-lo da mesma forma a todos os casos. [fala em tom sereno]. É por haver regras tão estritas que se cria uma enorme tensão. O controle dos celulares, por exemplo. Todos concordam com a regra, os celulares são proibidos na sala de aula. Desculpem, mas eu quebrei a regra porque não é um problema para mim [expressando gestos com as mãos para todos os lados]. Tem que haver uma zona de tolerância. [ainda movendo suas mãos constantemente].

Para Marin, os castigos devem ser adaptados a cada situação. Depois de muita discussão não chegaram à conclusão alguma sobre o novo sistema de punição para os alunos, momento em que o diretor interrompe a discussão [45min:32s].

DIRETOR: Temos outros temas para abordar. Uma questão essencial e muito delicada: a máquina de café. Que os professores têm abordado. [comenta tranquilamente].

Considerando que o assunto da máquina de café é importante a ponto de interromper a reunião pedagógica sobre a avaliação dos alunos, há aí duas questões. A primeira é a necessidade dos docentes manterem certo padrão de comodidade na sala dos professores, transformando este espaço de acordo com seus interesses. A segunda indica a resistência ao

aumento do preço de 0,10 centavos por cada café. No final da reunião, eles fazem uma confraternização com café e comida, ilustrado na imagem 12. Diante dos estudantes, os professores possivelmente não poderiam trocar de assunto da maneira como o fizeram, causaria uma impressão de falta de comunicação e de poder decisivo, uma vez que não chegaram a acordo algum sobre o novo sistema de punição, desacreditando talvez a responsabilidade do papel docente e gestor. Por situações como essas, vividas no cotidiano, que Goffman defende a necessidade dos atores possuírem bastidor, pois podem “dispor de uma linguagem subterrânea (interna) que simplifica sua tarefa de manejar impressões”, (GOFFMAN, 2014, p. 194).

Imagem 12 - Yvette distribui biscoito na sala dos professores; seguido da reunião



Fonte: Entre os Muros da Escola (2008)

Num terceiro [1h:12min:04s] e quarto momento [1h:13min:16s] pode ser observada outra situação em QUE os atores podem contradizer as representações esperadas pela plateia. Ocorre que a Coordenadora pedagógica entra na sala informando que a mãe de Way, um aluno aplicado da turma, foi detida por estar ilegalmente na França, permanecendo sob ameaça de ser deportada para a China (imagem 13). Supondo que a família de Way não tem condições de pagar um advogado, a coordenadora propôs uma mobilização para arrecadar dinheiro e ajudá-la [1h:12min:50s].

COORD. PEDAGÓGICA: Para começar, como os advogados são caros, proponho fazermos uma ‘vaquinha’ e que fossemos ao tribunal tentar exercer alguma influência no veredicto. [comenta em tom preocupado].

Durante os segundos subsequentes, todos os docentes ficaram calados. Jamais imaginariam Way, um de seus melhores alunos, ter de voltar à China. O silêncio que se estabeleceu na sala dos professores diante do pedido de ajuda foi assustador, os professores expressavam tristeza. Subitamente, Prof. Yvette quebra o silêncio e compartilha com os colegas que está grávida [1h:13min:16s]:

PROF. YVETTE: Bom. Agora estou me sentindo meio idiota. Tinha uma coisa para dizer. Mas acho que não é o momento certo. [fala, um pouco sem graça].  
 PROF. ANNE: Mas já está dizendo. [encoraja a amiga].  
 PROF. YVETTE: Estou grávida. [conta, retirando uma bebida espumante do refrigerador].

O tom sério mantido até o momento é quebrado pela notícia. Antes de todos brindarem Yvette faz dois pedidos. O primeiro pedido é para mãe de Way, que ela consiga ficar na França, e o segundo pedido é para que seu filho seja tão inteligente quanto Way. Em seguida todos comemoram bebendo. As cenas mostram que os docentes se envolvem com os dramas políticos e pessoais dos alunos e de seus familiares, embora seus cotidianos sejam ocupados também com outros prazeres. Desse modo, *Entre os Muros da Escola* consegue apresentar um mundo que vai de um ponto a outro em questões de segundos. Indubitavelmente são diálogos propícios apenas aos bastidores longe a vista dos alunos, principalmente, considerando a existência de bebida alcoólica dentro da escola. Todo este drama é ilustrado na imagem 13.

Imagem 13 - Coordenadora pedagógica propondo ‘vaquinha’ e Profa. Yvette comemorando gravidez com seus colegas



Fonte: Entre os Muros da Escola (2008)

### 4.3 CONVERSAS SOBRE A ENCENAÇÃO DOCENTE

Uma sala de acesso restrito proporciona aos atores condições para que eles organizem a representação que ocorrerá no palco principal de atuação. A organização é planejamento e, por meio de conversas sobre a encenação, cria-se uma ordem cotidiana. Goffman (2014, p. 192) lembra que “quando os companheiros de equipe estão longe da presença da plateia, a discussão muitas vezes tem por objeto os problemas de encenação”. No filme, destacam-se três principais momentos onde os professores conversam sobre sua encenação, tentando instaurar e aplicar a ordem, assim como corrigir a desordem escolar: 1) Quando a Coordenadora pedagógica conversa com Marin no corredor, referente ao fato de ele ter insultado Esmeralda e Louise [1h:37min:32s]; 2) No momento em que o diretor chama Marin para conversar em seu gabinete, solicitando que o docente insira no relatório de incidente que xingou as alunas de “vagabundas” [1h:48min:29s]; 3) Quando a presença de Prof. Marin é questionada durante o conselho disciplinar [1h:54min:01s].

Prof. Marin reconhece que, ao ter xingado as duas estudantes de vagabundas, colocou em descrédito seu papel de professor frente à escola. Goffman (2014, p. 65) descreve que em situações de explosão de raiva, como a vivenciada por Marin, “um ator mostra acidentalmente incapacidade, impropriedade e desrespeito por perder momentaneamente o controle”. Retoma-se a frase dita por Marin abordada na seção 4.1 [1h:34min:23s]:

PROF. MARIN: Desculpem, mas ao rirem daquele jeito pareciam duas vagabundas. [fala seriamente o docente].

Marin afirma que Esmeralda e Louise “pareciam” vagabundas durante o conselho. A classe inteira entendeu que o docente havia dito: “vocês são vagabundas”, surgindo ruptura, seguida de confusão. De todo modo, ‘você se parece como uma vagabunda’ é diferente de dizer ‘você é uma vagabunda’. Marin está fazendo referência a um momento preciso, ou seja, que começa e termina (pois Esmeralda e Louise deixariam de se comportar assim depois que o conselho de classe fosse concluído). Logo, Marin não se referiu a essência das estudantes, tampouco da identidade pessoal. O desafio está em fazer a classe entender que Marin alegou um momento isolado, mas que, uma vez que soa como insulto, dificilmente pode ser perdoado por quem é insultado.

A intenção de Marin em se justificar está em “salvar sua fachada” (GOFFMAN, 2011, p. 19). As justificativas também são esforços em mostrar aos alunos que Marin não falou exatamente o que eles compreenderam. Em uma turma culturalmente tão diversificada e geralmente em conflito, Prof. Marin não é ouvido, prevalecendo a opinião do alunado. As três

principais conversas sobre encenação docente que seguem abordam momentos em que Marin tenta prestar “manutenção a sua fachada” (GOFFMAN, 2011, p. 21) para corrigir seu deslize.

“A manutenção da fachada é uma condição da interação, e não seu objetivo” (GOFFMAN, 2011, p. 21). Nesse sentido, Marin pode discutir sobre o xingamento, mas não tornando sua autodefesa uma marca principal de sua representação; ele permanece realizando atividades cotidianas normalmente, planejando aulas, lecionando, participando de conselhos de classe, conversando com seus colegas de trabalho etc.

A primeira conversa sobre encenação docente ocorre no encontro entre a Coordenadora pedagógica e Prof. Marin, após a ocorrência do xingamento, em meio às escadas do colégio [1h:37min:31s].

COORD. PEDAGÓGICA: Marin! Preciso falar com você! Anda correndo um boato... [comenta olhando para os lados, observando se nenhum estudante está por perto].  
 PROF. MARIN: Um boato?  
 COORD. PEDAGÓGICA: Sim! Algumas alunas vieram falar comigo e me disseram que você as tinha insultado durante a aula. [em tom sério].  
 PROF. MARIN: Quem lhe disse isso? A Louise e a Esmeralda? [comenta erguendo levemente a voz, ficando irritado].  
 COORD. PEDAGÓGICA: Me disseram que as tinha chamado de vagabundas. E que isso levou ao incidente com Souleymane. [profere com espanto].  
 PROF. MARIN: E você acreditou?  
 COORD. PEDAGÓGICA: Sim e não. Foi por isso que vim falar com você. E como não mencionou nada no relatório... [falando ainda em tons sérios].  
 PROF. MARIN: Se eu não mencionei, o que posso dizer? [Marin parece envergonhado].  
 COORD. PEDAGÓGICA: Mas você fez ou não?  
 PROF. MARIN: O quê? [não querendo admitir].  
 COORD. PEDAGÓGICA: Você chamou as duas... de vagabundas? [pergunta, pausadamente].  
 PROF. MARIN: Sim, mas o Souleymane é outro assunto! [explica ele].  
 COORD. PEDAGÓGICA: Sim, eu sei que não teve nada a ver com ele, eu sei. Mas o boato está se espalhando. As pessoas começam a falar. Só queria preveni-lo [ao fundo aparecem imagens de Esmeralda no pátio].  
 PROF. MARIN: Obrigado por me avisar [agradece sutilmente].

O motivo do diálogo acima foi a denúncia das estudantes insultadas por Marin. Nesse sentido, o professor procura Esmeralda e Louise para falar com elas [1h:38min:49s].

PROF. MARIN: Vocês duas. Fizeram queixa de mim. Muito obrigado! [em tom surpreso, após encontrá-las no pátio].  
 ESMERALDA: De nada! [Esmeralda e Louise estavam abraçadas no pátio, expressaram felicidade por meio de um grande sorriso].  
 PROF. MARIN: Podiam ter vindo falar comigo.  
 LOUISE: Se os professores podem se queixar no conselho de classe, nós também certo? [comenta abraçada com Esmeralda, em tom de deboche].  
 PROF. MARIN: Não, não funciona da mesma maneira. E esperam o que com isso? [os estudantes começam a se aglomerar em volta].  
 ESMERALDA: Que o professor seja punido como nós! [fala categoricamente].

Percebe-se que os estudantes do oitavo ano tentam igualar-se às condições e direitos docentes. Porém, os alunos parecem desconsiderar que na escola “a interação entre equipes é

conduzida por uma das equipes somente [...], já que, quando se examina uma representação de equipe, descobre-se que a alguém é dado o direito de dirigir e controlar o desenrolar da ação dramática” (GOFFMAN, 2014, p. 106-110), neste caso, professores e gestores da escola.

Imagem 14 - Coordenadora pedagógica alerta Marin que as estudantes insultadas o denunciaram



Fonte: Entre os Muros da Escola (2008)

Durante o diálogo, estudantes e professores passavam pelas escadas. Às vezes, a coordenadora falava baixinho e pausadamente para que ninguém conseguisse ouvir, muito menos entender. Sua atitude em ir falar com Marin demonstra o comprometimento e a união dos integrantes da equipe docente e gestores. “Do mesmo modo, os professores estão convencidos de que seus colegas não devem discordar deles ou contradizê-los diante dos alunos” (GOFFMAN, 2014, p. 103), por isso a Coordenadora fala com Marin isoladamente, em uma condição em que os alunos não consigam ter acesso ao assunto<sup>23</sup>. Embora a atitude de Marin possa ser considerada falha, é necessário a união docente para estabelecer ordem e respeito diante dos estudantes. Ainda que a coordenadora ou outro professor não concorde com a atitude de Marin de insultar as estudantes. “Quando um membro da equipe comete um erro em presença da plateia, os outros membros da equipe devem dominar seu desejo imediato de punir o ofensor até a plateia não estar mais presente” (GOFFMAN, 2014, p. 102). Nesse sentido, os docentes não devem discutir diante dos alunos, devido a “sanção corretiva imediata só perturbar ainda

<sup>23</sup> O lugar ideal para o diálogo entre o docente e a coordenadora pedagógica seria na sala dos professores. Parece que, em virtude do caráter urgente, a conversa ocorreu no corredor e com cuidados para que ela não fosse ouvida. O fato dos demais estudantes e professores conseguirem ver a coordenadora pedagógica conversar com o docente Marin, neste caso, não cria problema, pois o assunto a ser tratado podia ser qualquer um.

mais a interação fazendo a plateia inteirar-se de uma opinião que deve ser reservada aos membros da equipe e ao bastidor” (GOFFMAN, 2014, p. 102-103).

O insulto contra as estudantes deixou toda a classe estarrecida. Souleymane e Carl partiram em defesa das meninas, ignorando as justificativas de Marin em torno da diferença ‘você se *parece* como uma vagabunda’ (especificadamente durante o conselho de classe), e ‘você *é* uma vagabunda’ no contexto cotidiano e pessoal, [1h:34min:57s]:

CARL: Não tente nos enganar, você disse vagabundas! [balança as mãos contra Marin incriminando-o].

SOULEYMANE: Professor, não se fala assim com as garotas! [o estudante grita apontado o dedo para o docente].

Prof. Marin ainda insiste em justificar a diferença das frases [1h:34min:49s]:

PROF. MARIN: Eu não insultei ninguém, nunca disse que eram vagabundas! [defende-se, balançando as mãos de cima para baixo, da esquerda para direita]. O que eu disse foi que num determinado momento do conselho de classe, precisamente, vocês tiveram uma atitude de vagabundas. Entenderam? [diz rapidamente]. Não estou tentando enganar vocês, estou explicando a diferença! [respirando fundo].

Souleymane, já conhecido pelos professores por esquecer o material em casa, por não realizar as atividades propostas em sala e por responder grosseiramente aos professores, na mesma situação começa a expor hostilidade e antipatia a Prof. Marin [1h:35min:08s].

PROF. MARIN: Está sempre insultando todo mundo! [dirigindo-se a Souleymane] Esse número do nobre cavalheiro que vem em socorro das duas damas não cola. [termina a fala com a mão direita na cintura]

SOULEYMANE: Não fale assim comigo! [grita, apontando o dedo para o docente]

PROF. MARIN: Pare de faltar com respeito aos seus professores!

SOULEYMANE: Eu falo como eu quiser!

PROF. MARIN: Se continuar assim vai arranjar problemas graves! [previne].

SOULEYMANE: Você acha que é durão?

PROF. MARIN: Não é uma questão de força mas de disciplina e ordem!

SOULEYMANE: Quando quiser apanhar é só dizer!

BOUBACAR, ESMERALDA, KHOUMBA E LOUISE: Pare de se fazer de bom, Souleymane. [pedindo várias vezes para ele parar de gritar e de responder grosseiramente à Marin].

Inesperadamente, Souleymane levanta de sua cadeira e caminha em direção à porta. Prof. Marin tenta impedi-lo no meio da sala. O empurra-empurra é inevitável, com Souleymane empurrando o professor. Carl, que a segundos atrás estava contra Marin, tenta ajudá-lo, segura Souleymane, tentando puxá-lo sem sucesso para o fundo da sala. Souleymane agita bruscamente seus braços, tentando se soltar de Carl. Sua mochila bate na sobancelha de Khoumba, cortando-a (Khoumba, mais tarde, levará três pontos como curativo). Por fim, Souleymane consegue se soltar de Carl e passar por Prof. Marin que, agora, estava preocupado em ajudar Khoumba, que sangrava na altura da sobancelha. Souleymane foi para a rua, fechando a porta da sala com um forte estrondo. A imagem 15 ilustra esse drama.

Imagem 15 - Souleymane falta com respeito a Marin, machuca Khoumba e sai da sala sem permissão



Fonte: Entre os Muros da Escola (2008)

Além do insulto de Esmeralda e Louise, Prof. Marin estava agora diante de um novo problema: o de Souleymane ter extrapolado o limite da ordem escolar, saindo da sala sem autorização e também ferindo Khoumba. Neste caso, Souleymane será encaminhado ao conselho disciplinar. Como protocolo, Prof. Marin preencheu o relatório de incidente e comunicou o diretor, porém, não registrando que insultou as duas alunas. “A preservação da fachada são ações tomadas por um indivíduo para tornar o que quer esteja fazendo consistente a fachada” (GOFFMAN, 2011, p. 22). Consciente de que insultar estudantes não condiz com a fachada de professor, Marin tenta ocultar no relatório uma parte do ocorrido na sala de aula.

No mesmo dia, o diretor ouviu boatos na sala dos professores sobre Prof. Marin ter xingado duas alunas. O diretor leu o relatório de incidente escrito pelo docente alguns minutos antes, percebendo que ele não havia relatado o ocorrido. Durante a conversa de encenação “levantam-se questões a respeito da condição do equipamento de sinais; pausas, frases e posições são, por meio de tentativas, reproduzidas e esclarecidas pelos membros reunidos” (GOFFMAN, 2014, p. 192). Considerando que alguns professores não concordariam com a atitude de xingar Esmeralda e Louise, podendo se utilizar dessa omissão para complicar a situação de Marin no conselho disciplinar, o diretor solicita que o professor inclua no relatório os incidentes envolvendo as estudantes. Parecendo envergonhado, Marin concorda em relatar detalhadamente. A imagem 16 ilustra esse momento:

Imagem 16 - Diretor pede ao Prof. Marin incluir a ocorrência do insulto no relatório



Fonte: Entre os muros da escola (2008)

No dia seguinte, na sala dos professores, alguns professores conversam sobre o comportamento de Souleymane. Dentro da própria equipe existem contradição referentes aos melhores modos de agir com os alunos, necessitando instituir um conselho. Depois de Souleymane cumprir 48 horas de suspensão, ocorre o conselho disciplinar na sala de reuniões. Estão presentes todos os professores do conselho de administração, Souleymane e sua mãe. Em meio a isso, a presença do Prof. Marin é questionada [1h:53min:57s]:

PROF. ABDOUL: Será que podemos concentrar a discussão nos fatos? Primeiramente quero dizer que ficamos bastante espantados que o professor envolvido no incidente esteja participando do conselho. Isso não parece nada normal. [enquanto fala, Marin o encara com olhar fixo e sério].

PROF. STÉPHANE: É verdade. É estranho ele julgar o caso e estar envolvido.

DIRETOR: Em primeiro lugar, o senhor Marin foi eleito para o conselho administrativo como representante dos professores. Além disso, penso que o incidente que ocorreu na sala do senhor Marin não envolve diretamente o professor. [justificando].

PROF. ABDOUL: Peço desculpas, mas no relatório há menção de palavras duras ditas pelo professor. Pelo que percebi, chamou de vagabundas as representantes de turma. E isso me parece um problema. [Marin continua olhando-o fixamente].

PROF. MARIN: É verdade que disse isso, mas nada que dissesse respeito ao Souleymane. Penso que ele usou como pretexto esse bate boca para expressar seu mau humor naquele dia.

PROF. ABDOUL: Ele tentou defendê-las. Para mim isso deve ser levado em conta. [dizendo seriamente].

PROF. FRÉDÉRIC: Desculpe, mas não há nada que justifique faltar com desrespeito ao professor, insultar todo mundo e sair da sala sem permissão. [compreendendo que o ato de insultar as estudantes não tem ligação com o mau comportamento de Souleymane].

Imagem 17 - Conselho disciplinar de Souleymane



Fonte: Entre os muros da escola (2008)

Inalterado, Marin continuou presente durante todo o conselho disciplinar, apesar de sua presença ter sido contestada por Abdoul e Stéphane<sup>24</sup>. “O desacordo público entre membros da equipe os incapacita para uma ação conjunta e perturba a realidade patrocinada por eles” (GOFFMAN, 2014, p. 99). Por força do professor denunciado estar face a face, nem todos os docentes poderiam dizer o que realmente pensam e/ou gostariam de dizer em respeito a sua presença, podendo alterar a decisão final de todo o conselho disciplinar. Quando se começa a duvidar de como o professor age, está-se colocando em questão a confiança que funda a sociedade e a equipe. Instaura-se uma crise na equipe docente e que pode se alastrar à instituição escolar.

<sup>24</sup> Como se tratam de votos secretos, o filme não informa publicamente os votos de cada professor em relação a Souleymane permanecer ou ser expulso da escola. Tem-se apenas a conclusão final do conselho disciplinar: a expulsão de Souleymane.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nunca está pronta, acabada. Em meio às observações, problematizações e desenvolvimentos sempre existem ‘fios’ que, se puxados, levam o pesquisador a uma série de novas explorações, pensamentos e autores. Porém, chega-se num momento que é necessário circundar a gama de resultados alcançados e dispor de um ponto final.

A partir dos dados da pesquisa, observa-se que o filme *Entre os Muros da Escola* permite compreender o ambiente escolar na contemporaneidade. Junto da perspectiva positiva de que todos poderiam estudar, inúmeros problemas surgiram, como a desinstitucionalização e o mercado de diplomas não valorizados. Para que estudar se eu sei que não conseguirei frequentar uma universidade de qualidade, renomada, em um curso prestigiado? Os adolescentes do filme questionam-se diariamente. Por estudarem em um Liceu profissional, parecem saber que apenas os mercados de trabalho aguardam-nos. Estudante Agame exemplifica, ao comentar [2h:04min:30s] com Marin no final do ano letivo, dizendo: “eu não aprendi nada!”

Seu comentário reflete um cotidiano que torna o ingresso na universidade prestigiosa, bem como no próprio mercado de trabalho, ainda mais difícil. Sem vontade de estudar, desordens se tornam constantes na forma de interrupções inoportunas, provocações, gírias, desatenção ao conteúdo ministrado, na sala de aula.

Nessa dissertação, problematizou-se situações escolares em que a desordem gerou conflitos, refletindo na ausência de deferências dos estudantes diante do Prof. Marin. Inquietos, questionadores, desafiadores, os discentes não conseguem ouvir o professor e seus ensinamentos, tampouco absorvê-los. Ainda que Prof. Marin tenha um olhar benevolente sobre os estudantes, a ausência de deferência por parte do alunado não permite o docente manter sua fachada positiva durante todo o ano. Marin sofre rupturas em seu papel quando não se comporta de acordo com as exigências do porte de professor, por chutar a cadeira, xingar estudantes, bater com a mão na mesa, etc.

Prof. Marin, atuando no palco, assume a fachada de professor. Enquanto está no bastidor, em relação aos colegas de trabalho, expõe sua fachada de indivíduo em sentido amplo. Para manter a credibilidade das informações transmitidas por meio da fachada, o ator precisa realizar manutenções constantes a fim de provar que suas falas são verídicas. Na medida em que as falas do ator tornam-se questionáveis, mentirosas, instaura-se um conflito. Para que o docente consiga manter o espírito de equipe e o controle expressivo em sala de aula é necessário manter confiança em suas palavras. Igualmente indispensáveis são os cuidados com o comportamento, maneiras e aparências no cotidiano. Manter a plateia afastada dos bastidores,

prestando deferência ao porte docente é essencial para não ocorrer mal entendidos. Logo, na interação face a face, o docente que diz algo e comporta-se em oposto a suas palavras (ou vice versa), desacredita seu papel e coloca-se em xeque diante da plateia.

Em contraposição, o bastidor permite o ator comportar-se de maneira não condizente a fachada e falas apresentadas no palco. Autoriza expressivamente falar mau da plateia, julgá-la, denegri-la. A ausência da plateia permite ao ator momentos de relaxamento, oportunos para desabafar com os demais atores presentes, calmamente ou aos berros. Permite ainda ao ator fazer o que é proibido enquanto estão juntos a plateia (comer na sala de aula é proibido, porém autorizado na sala dos professores).

O bastidor possibilita os atores prepararem-se para o momento que estão no palco. Planejamentos, leituras, conversas sobre o alunado. Sempre que um novo drama ocorre na escola, os docentes conversam entre si buscando (ou não) a melhor maneira de como resolver o problema. A partir da pesquisa realizada, afirma-se que a escola é um ambiente repleto de dramas decorrentes das interações face a face.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcelo Ribeiro de. **Educação, escola e modernidade avançada através das lentes do cinema**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- BELLOUR, Raymond. **L'analyse des Films**. Paris: Nathan, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. CATANI, Afrânio. (Org.). NOGUEIRA, Maria Alice (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- CALLES, Diva Cleide. **O ser professor em obras literárias autorreferenciadas e em filmes: dimensões profissionais e emocionais do trabalho docente**. 2012. 274f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudantes da periferia. **Cadernos de Pesquisa**, n. 97, maio, 1996.
- DEBUS, José Carlos dos Santos. **O cinema que pensa a pedagogia: autonomia e emancipação nas práticas pedagógicas dos filmes o contador de histórias e entre os muros da escola**. 2011. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2011.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DUBET, François. A Formação dos Indivíduos: a desinstitucionalização. In **Revista Contemporaneidade e Educação**. ano 3, v. 3, 1998, p. 27-33.
- DUBET, François. Crisis de la transmisión y declive de la institución. **Política y Sociedad**. V. 47. n. 2, 2010, p. 15-25.
- DURKHEIM, Emile. **A Educação Moral**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.
- ENTRE os Muros da Escola. Direção de Laurent Cantet. França: Imovision, 2008. 1 DVD (131 min).
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- GOMES, Alfredo Macedo. **Políticas públicas e gestão da educação**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.
- JEFFREY; Débora Cristina; GASPARELO, Rayane Regina Scheidt; SCHNECKENBERG, Marisa. Análise de Políticas Educacionais: a abordagem de ciclo de políticas e as contribuições de Pierre Bourdieu. **ECCOS – Revista Científica**, São Paulo, n. 47, p. 237-252, set/dez. 2018.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- LEMIEUX, Cyril. Problematizar. In: PAUGAM, Serge. **A pesquisa sociológica**. Petrópolis, Vozes, 2015.
- NIZET, Jean; RIGAUX, Natalie. **A sociologia de Erving Goffman**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- NUNES, Flaviana Gasparotti. Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme Entre os muros da escola. **Revista Pro-Posições**. vol.22, N.3, Campinas Set./Dec. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072011000300009&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000300009&lang=pt). Acesso em: 22 ago. 2018.
- O MELHOR PROFESSOR DA MINHA VIDA. Direção de Olivier Ayache-Vidal. França: Imovision, 2017. 1 DVD (107 min.).
- PARINI, Jay. **A arte de ensinar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- PASTORIZA, Bruno dos Santos; PINO, José Claudio Del. Para Falar de Disciplina, Corpos e Conhecimentos Entre os Muros da Escola. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 1, p. 301-317, 2015. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1178/396>. Acesso em: 26 ago. 2018.
- RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROCHA, Julia Siqueira; SANTOS, Tiago Ribeiro; VALLE, Ione Ribeiro. Um Diário de Notas Rasgado em Pedagogia: indisciplina e condutas de risco na escola. **Revista Diálogo Educ**. Curitiba, v. 16, n. 47, p. 169-186, jan/abr. 2016.

SANTOS, Tiago Ribeiro; MARCHI, Rita de Cássia. Produção e Conservação escolar da masculinidade no romance O Ateneu. **Revista Brasileira de Educação**. v. 22, n. 68, p. 35-60, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n68/1413-2478-rbedu-22-68-0035.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

SANTOS, Tiago Ribeiro. **A perda da auréola**: deslocamentos da imagem social e sociológica de professor no Facebook. 156f. 2017. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SANTOS, Tiago Ribeiro; VALLE, Ione Ribeiro. Professores no Facebook: explorações sobre a gestão da distância e da proximidade diante do público escolar. **Pro-Posições**. Campinas, São Paulo. v. 31, p. 1-24, 2020.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIMMEL, Georg. A ponte e a porta. **Revista Política & Trabalho**, n. 12, p. 10-14, 1996.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas: Papyrus, 2003.

TOMAZI, Nelson Dacio (org.). **Iniciação à sociologia**. São Paulo: Atual, 1993.

VALLE, Ione Ribeiro. Um Conceito Reinterpretado ao Longo do Século. Do intelectual individualista de Durkheim ao intelectual coletivo de Bourdieu. **Rev. Inter. Educ. Sup.** Campinas, São Paulo, v.4, n.1, p. 95-111, jan/abr 2018.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

VELHO, Gilberto. Goffman, Mal-Entendidos e Riscos Interacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 23, n. 68, 2008, p. 145-149. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000300012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000300012&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 15 set. 2019.

VOLKART, E. H. (Org). **Social behavior and personality**. Nova York: Social Science Research Council, 1951.